

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ANANDA FEIX RIBEIRO

**AVALIAÇÃO DA ESTRUTURA DE ARTIGOS EM REVISTAS  
BRASILEIRAS DE COMUNICAÇÃO**

Porto Alegre

2006

ANANDA FEIX RIBEIRO

**AVALIAÇÃO DA ESTRUTURA DE ARTIGOS EM REVISTAS  
BRASILEIRAS DE COMUNICAÇÃO**

Trabalho de conclusão apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ida Regina Chittó Stumpf

Porto Alegre

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-Reitor: Pedro Cezar Dutra Fonseca

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Valdir José Morigi

Vice- Diretor: Ricardo Schneiders da Silva

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Iara Conceição Bitencourt Neves

Vice-Chefe: Jussara Pereira Santos

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Vice-Cordenadora: Neiva Helena Ely

R484 Ribeiro, Ananda Feix

Avaliação da estrutura de artigos em revistas brasileiras de  
comunicação / Ananda Feix Ribeiro. - Porto Alegre, 2006.  
84 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
Orientação de Ida Regina Chittó Stumpf

1. Artigos científicos 2. Periódicos científicos brasileiros  
3. Periódicos de Comunicação I. Stumpf, Ida Regina Chittó II. Título

CDU: 050.489

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Campus Saúde

Bairro Santana

Porto Alegre – RS

CEP: 90035-007

Telefone: (51) 3316-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

ANANDA FEIX RIBEIRO

**AVALIAÇÃO DA ESTRUTURA DE ARTIGOS EM REVISTAS  
BRASILEIRAS DE COMUNICAÇÃO**

Trabalho de conclusão apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 29 de Novembro de 2006.

Comissão Examinadora:

Conceito: A

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ida Regina Chittó Stumpf

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Samile Andréa de Souza Vanz

---

Ms. Rosa Maria Apel Mesquita

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, melhor amiga e incentivadora, por acreditar em mim e sempre estar ao meu lado.

À Erna (*in memoriam*), por seu exemplo de força e coragem.

Ao Euclides, por seu zelo e paciência.

Ao Eros, pela paz e alegria que trouxe.

Ao William, por seu amor e sua racionalidade.

Às grandes amigas que fiz na faculdade, por tornarem minha caminhada mais aprazível e alegre.

À professora Ida Stumpf, por oportunizar a descoberta da pesquisa pela iniciação científica, e por sua orientação.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por sua excelência em ensino, pesquisa e extensão, sem a qual não teria ingressado na vida acadêmica.

“As convicções são inimigas da verdade mais perigosas que a mentira.”

**Friedrich Wilhelm Nietzsche**

## RESUMO

Analisa 53 artigos originais de periódicos científicos da área de Ciências da Comunicação com a finalidade de comparar sua estrutura com a estrutura tradicional de artigo de periódico, conforme indicações da literatura nacional sobre metodologia do trabalho científico. Os itens da estrutura analisados foram: os elementos pré-textuais (título e resumo), os elementos textuais (introdução, corpo do artigo e conclusões), os elementos pós-textuais (bibliografia, anexos ou apêndices e notas explicativas), a linguagem utilizada e ainda, observações quanto à indicação do artigo se tratar ou não de resultado parcial ou final de pesquisa. Foram selecionados títulos de periódicos com Qualis A Nacional (avaliação de 2004 da CAPES). Os títulos estudados foram: Comunicação & Espaço Público, Comunicação & Sociedade, Contracampo, EPTIC Online, Revista FAMECOS, Revista Fronteiras, Galáxia, INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação e Significação. Conclui que a estrutura dos artigos científicos analisados da área de Comunicação, é, na maior parte dos elementos observados, correspondente à estrutura tradicional de artigo de periódico, conforme recomendações de obras de metodologia do trabalho científico. As exceções encontram-se: na apresentação do objetivo, problema ou hipótese do artigo; na apresentação da metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo; e na apresentação e análise dos resultados. A estrutura dos artigos científicos em Comunicação tem aspectos coincidentes com a estrutura tradicional de artigos científicos. No entanto, os elementos não coincidentes são de grande importância nas indicações metodológicas, pois referem-se a Objetivos, Metodologia e Resultados dos estudos avaliados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artigos de periódico; Revistas de Comunicação; Metodologia do trabalho científico.

## **ABSTRACT**

This study analyzes 53 original scientific journal articles from the area of Communication Science with the aim to compare its structure with the traditional structure of periodical's articles, according to indications of national literature on scientific methodology. Items analyzed had been the daily pre-textual elements (title and abstract), textual elements (introduction, text and conclusions), post textual elements (references and bibliography, annexes or appendices and explicative notes), the scientific language used and the indications if the article is about partial or final results of the research. Journals titles with National Qualis A had been selected (CAPES 2004 evaluation). The titles that had been studied were *Comunicação & Espaço Público*, *Comunicação & Sociedade*, *Contracampo*, *EPTIC Online*, *Revista FAMECOS*, *Revista Fronteiras*, *Galáxia*, *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (INTERCOM)* and *Significação*. It concludes that the structure of scientific articles from area analyzed is, the most part of observed elements corresponding to traditional article structure of journal in agreement to scientific methodology. Exceptions can be found in the objective presentation, article's hypothesis or problem, in the methodology's presentation used for the development of the study and presentation and analysis of results. The structure of scientific articles in Communication can have coincident elements with the traditional scientific article structure. However, Objective, Methodology and Results have great relevance in the traditional article structure as methodological indications.

**KEYWORDS:** Journal articles; Communication journals; Scientific methodology.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 – Dados sobre os títulos de periódicos analisados .....</b>	<b>49</b>
---	-----------

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Nº. total de artigos e nº. de artigos sorteados por revista.....	51
Tabela 2 – Representatividade dos títulos .....	54
Tabela 3 – Plenitude dos resumos.....	55
Tabela 4 – Apresentação da temática e objetivos .....	56
Tabela 5 – Apresentação do referencial teórico e estudos relacionados .....	56
Tabela 6 – Apresentação da metodologia.....	59
Tabela 7 – Apresentação e análise dos resultados.....	61
Tabela 8 – Relacionamento com outros estudos e apresentação de ilustrações .....	61
Tabela 9 – Apresentação de conclusões, relações com teorias e sugestões de outros estudos.....	64
Tabela 10 – Apresentação de elementos pós-textuais .....	66
Tabela 11 – Linguagem.....	67
Tabela 12 – Menção de ser resultado de pesquisa .....	68

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEC	Associação Brasileira dos Editores Científicos
ABEPEC	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECMAS	Centre d'Études de Communication de Masse
CIESPAL	Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EPTIC	Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FRESS	File Retrieval and Editing System
HES	Hypertext Editing System
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
ICINFORM	Instituto de Ciências da Informação
INESE	Instituto de Estudos Sociais e Econômicos
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação
IPOM	Instituto de Pesquisa de Opinião no Mercado
ISSN	International Standard Serial Number
NBR	Norma Brasileira
NLS	On-Line System
PPG	Programa de Pós-graduação
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Qualis	Sistema de Classificação de Periódicos, Anais e Revistas
RBCC	INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação
UCBC	União Cristã Brasileira de Comunicação Social
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 CONTEXTO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	<b>15</b>
2.1 OBJETIVOS .....	15
2.1.2 Objetivo geral .....	15
2.1.3 Objetivos específicos.....	16
2.2 DEFINIÇÃO/OPERACIONALIZAÇÃO DOS TERMOS.....	16
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>17</b>
3.1 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA .....	17
3.2 REVISTAS CIENTÍFICAS .....	21
3.2.1 Revistas Científicas em Geral .....	21
3.2.2 Revistas Científicas Brasileiras em Comunicação .....	30
3.3 ARTIGO CIENTÍFICO .....	31
3.3.1 Partes do Artigo.....	35
3.3.1.1 Elementos Pré-Textuais .....	35
3.3.1.2 Elementos Textuais.....	36
3.3.1.3 Elementos Pós-Textuais.....	38
3.3.2 Linguagem.....	39
3.4 METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO .....	39
3.5 A CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL .....	42
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>48</b>
4.1 MODELO DE PESQUISA.....	48
4.2 OBJETOS DE ESTUDO.....	48
4.3 AMOSTRA.....	49
4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS .....	50
4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS .....	52
4.5 TRATAMENTO DOS DADOS .....	52
<b>5 RESULTADOS</b> .....	<b>54</b>
5.1 TÍTULO.....	54
5.2 RESUMO.....	55
5.3 INTRODUÇÃO .....	56
5.4 MÉTODOS .....	59
5.5 RESULTADOS .....	60

5.6 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....	63
5.7 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS .....	65
5.8 LINGUAGEM.....	65
5.9 OUTRAS OBSERVAÇÕES .....	67
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>
<b>APENDICE A – Artigos Selecionados para a Pesquisa .....</b>	<b>75</b>
<b>APENDICE B – Formulário de Coleta de Dados .....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo foi idealizado a partir de observações da autora durante participação na pesquisa “Produção Docente e Discente da Pós-Graduação em Comunicação no Brasil” desenvolvida no Núcleo de Pesquisa em Informação, Tecnologias e Práticas Sociais (vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), onde atua há dois anos como bolsista, inicialmente de Iniciação Científica, posteriormente de Apoio Técnico (ambas as bolsas financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq).

A pesquisa, orientada pela professora Ida Regina C. Stumpf, proporcionou o contato com a produção científica brasileira docente e discente da área da Comunicação, especialmente registrada em teses, dissertações e periódicos científicos. A partir da experiência com os periódicos da área, notaram-se diferenças entre os artigos científicos da Comunicação em relação a outras áreas do conhecimento, suscitando a curiosidade sobre a existência ou não de um padrão para a área.

A Comunicação é um campo do saber e de pesquisa que atualmente vem buscando seu estabelecimento como disciplina acadêmica. É uma área onde os objetos de estudo ainda não estão consensualmente definidos, sendo este um dos temas de debate entre seus pesquisadores. E por ser uma área intrinsecamente interdisciplinar (como já verificado em diversos estudos, inclusive do próprio Núcleo de Pesquisa), a Comunicação deve buscar a sua consolidação a fim de não se confundir com outras Ciências Humanas e Sociais, que muitas vezes se utilizam dos mesmos objetos ou fenômenos que a Comunicação. Talvez falte a esta área estabelecer o modo “comunicacional” de observar os fenômenos, ou seja, um ponto de vista próprio. Entre os meios para a consolidação de uma disciplina científica está a formalização de objetos e fenômenos de interesse a serem estudados, os métodos de aproximação com os mesmos e as teorias que embasam seus estudos. A Ciência da Comunicação, como uma ciência moderna está em busca desta formalização.

Os meios de divulgação do conhecimento refletem a maneira como o próprio conhecimento é produzido, ou seja, a forma como um artigo é escrito reflete a maneira como seu conteúdo (a pesquisa) é produzido, já que geralmente um artigo descreve a seqüência do desenvolvimento da pesquisa. Assim, através da

observação dos meios de divulgação do conhecimento - que neste estudo serão os artigos - é possível identificar se a área está caminhando para sua formalização e conseqüente consolidação enquanto disciplina acadêmica. Além disso, a comparação da estrutura de seus artigos com outros artigos de áreas já consolidadas, permite sugestões de forma a contribuir para o estabelecimento da Comunicação enquanto Ciência.

Este estudo pretende contribuir com a área de Comunicação na comparação das características de seus artigos com as características geralmente encontradas em áreas já consolidadas, sendo possível desta forma apresentar um modelo de estrutura de artigos encontrados na área. Esta contribuição está limitada pela experiência da autora, que ainda é iniciante em pesquisa dado ser este trabalho de conclusão de graduação.

## **2 CONTEXTO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA**

A comunicação científica formal tem vários canais, e entre eles um dos mais importantes para o desenvolvimento da ciência é o periódico científico, também chamado revista científica. As revistas científicas são compostas de várias contribuições como: os artigos, as resenhas, os resumos e críticas de obras da área, entrevistas, entre outros. Neste estudo nos deteremos nos artigos originais, por serem os principais responsáveis pela divulgação de descobertas das pesquisas, e, conseqüentemente, do avanço do conhecimento.

Nossos objetos de estudo serão os artigos publicados nas revistas científicas brasileiras da área da Comunicação, classificadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com Qualis A Nacional no ano de 2004. Os títulos encontrados foram: Comunicação e Espaço Público, Comunicação & Sociedade, Contracampo, EPTIC Online, Galáxia, INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (doravante abreviada como RBCC, já que em 2004 seu título era apenas Revista Brasileira de Ciências da Comunicação), Revista FAMECOS, Revista Fronteiras (UNISINOS) e Significação.

Serão analisados apenas artigos em português, deixando-se contribuições como resenhas, entrevistas e dossiês à parte. Quanto ao artigo científico, a análise se restringirá à sua estrutura, conforme recomendado por obras de metodologia do trabalho científico. A estrutura é composta pelos elementos básicos exigidos nos trabalhos científicos, a saber: título, resumo, introdução, desenvolvimento, conclusões, referências, notas e apêndices e/ou anexos.

### **2.1 OBJETIVOS**

A seguir serão descritos os objetivos geral e específicos do estudo.

#### **2.1.2 Objetivo geral**

Analisar a estrutura dos artigos científicos da área da Comunicação em relação à estrutura tradicional de artigos de periódicos.



### 2.1.3 Objetivos específicos

São objetivos específicos deste estudo:

- a) descrever as características encontradas nos artigos de revistas de Comunicação quanto à sua estrutura ;
- b) verificar a estrutura dos artigos de revistas de Comunicação em relação à estrutura recomendada pelas obras de metodologia do trabalho científico apresentadas neste trabalho.

## 2.2 DEFINIÇÃO/OPERACIONALIZAÇÃO DOS TERMOS

**Artigo de periódico científico:** Neste estudo serão considerados artigos de periódico científico as contribuições apresentadas nos espaços reservados a artigos originais, não sendo considerados os dossiês já que a maior parte das revistas da área faz esta divisão.

**Estrutura tradicional de artigo de periódico científico:** Neste trabalho, a estrutura tradicional de artigo corresponde ao modelo comumente recomendado pelos livros de metodologia do trabalho científico para a elaboração de artigos. O modelo recomenda que o artigo contemple os seguintes itens: título, resumo, introdução (apresentação do assunto, objetivos e referencial teórico), métodos utilizados no estudo, resultados (apresentação e análise), conclusão, notas explicativas (opcionais), anexos (opcionais) e referências.

**Metodologia do trabalho científico:** Aqui, a metodologia do trabalho científico será definida como a disciplina auxiliar da Ciência que recomenda procedimentos e ferramentas para o tratamento teórico ou prático da realidade estudada pelo pesquisador (DEMO, 1987).

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção será apresentado o referencial teórico sobre a comunicação científica, as revistas científicas, o artigo científico, a metodologia do trabalho científico, e a Ciência da Comunicação no Brasil.

#### 3.1 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

À comunicação científica é atribuída a função de compartilhar conhecimentos novos com a sociedade em geral, em especial à comunidade científica de uma determinada área, a qual proporciona intercâmbio de interesses entre os pesquisadores. Também informa sobre resultados de estudos que estão sendo realizados ou foram concluídos. Desde os primórdios, o processo de comunicação da ciência ocorre quase que simultaneamente aos fenômenos científicos, devido à necessidade de propagar e consolidar as informações sobre os resultados de estudos e/ou o interesse em estudar determinado tema.

Segundo Stumpf (1994, p. 43):

[. . .] a comunicação surge como fator inerente à própria ciência, fazendo parte de sua natureza e de sua prática. De sua natureza porque a investigação científica precisa ser comunicada ou rejeitada pela comunidade científica. De sua prática, porque a comunicação está no âmago do método que, para ser seguido, exige a consulta aos trabalhos anteriores e conclui com a divulgação dos resultados.

A evolução da ciência só é possível através do “conhecimento sobre o conhecimento científico”, possibilitando a confirmação ou refutação dos fatos pelos demais membros de um grupo. Ou seja, “a difusão do conhecimento é de fundamental importância para que novos paradigmas sejam conhecidos, possibilitando sua confirmação ou sua contestação.” (CÔRTEZ, 2006, p. 35).

Sobre a informação científica, Stumpf e Mesquita (2004, p. 262) afirmam que:

A informação científica constitui-se no registro dos resultados de pesquisas, aos quais cada pesquisador acrescenta novos conhecimentos e idéias ao que já se conhecia, de forma a avançar o saber científico. Cada descoberta apóia-se no passado e serve de base para conhecimentos futuros, constituindo-se tanto no produto das atividades científicas quanto no insumo para novas investigações, num processo espiral que nunca acaba.

No modelo clássico da comunicação científica, o contato entre pesquisadores acontece, de modo geral, de duas formas: pela comunicação formal (relatórios técnicos, *preprints*, artigos em revistas científicas, livros, entre outros) e, por meio da comunicação informal (conversas, contatos telefônicos, correio eletrônico, palestras, seminários, congressos, jornadas, entre as várias modalidades de eventos científicos).

Acredita-se que o meio de comunicação mais utilizado, a princípio, era o informal em razão da dificuldade em registrar e armazenar as informações. As principais vantagens desse tipo de comunicação são a “[. . .] rapidez de circulação, a atualização do conhecimento veiculado e a instantaneidade da comunicação. Contudo, pela informalidade com que geralmente se apresentam, os canais informais são restritos a uma pequena audiência.” (STUMPF, 1994, p. 45).

A comunicação informal acarreta, ainda, problemas advindos dos ruídos inerentes aos relatos de terceiros a partir do relato original. Alguns problemas relativos a esse tipo de comunicação são apontados por Côrtes, entre eles:

- a) quando oral: baixa retenção por parte do receptor;
- b) possibilidade reduzida de documentação da idéia transmitida (a não ser sob forma de cartas ou anotações pessoais);
- c) facilidade de ocorrência de distorções e acréscimos de interpretações pessoais ao longo da cadeia de difusão do conhecimento;
- d) baixa difusão (atinge um número pequeno de pessoas);
- e) baixa velocidade de difusão (demora para atingir um número pequeno de pessoas). (CÔRTEZ, 2006, p. 44).

Os obstáculos acima relatados acabam gerando certa instabilidade na confiança desse tipo de comunicação, fazendo-se necessários outros meios que permitissem avaliar a veracidade daquilo que estava sendo anunciado (CÔRTEZ, 2006).

De modo geral, a sociedade sempre buscou alguma forma de documentar sua evolução, deixando o registro dos fatos da história da humanidade, seja em paredes de cavernas, seja em papel de trapos (e mais tarde de celulose), seja em formato digital, como atualmente.

Segundo Côrtes (2006), a comunicação científica através de registros formais já era uma prática na Grécia Antiga, pois havia bibliotecas públicas e particulares com documentos para tal finalidade, a exemplo da biblioteca da Alexandria (século III a.C.). Meadows (1999) salienta que os gregos utilizavam tanto a comunicação

informal (oral), quanto a formal (escrita). A exemplo disso temos os manuscritos de Aristóteles e as obras dos gregos, que muito contribuíram para a ciência na época.

A invenção do papel no século VIII pelo chinês Ts'ai Lun e, mais tarde, da imprensa por Gutenberg no século XV, propiciaram o aumento de documentos impressos e a difusão da informação através de panfletos e livros. Porém, o acesso às publicações nem sempre era fácil devido à escassez de exemplares ou problemas de ordem geográfica. Assim sendo, a ocorrência de comunicação oral era comum em pequenos eventos e reuniões para a divulgação da ciência. Outra forma de comunicação científica acontecia através das cartas trocadas entre os pesquisadores para cambiar idéias e registrar suas descobertas (CÔRTEZ, 2006).

A criação das sociedades científicas ajudou a amenizar os problemas da comunicação interpessoal. Weitzel (2005, p. 166) relata que:

A criação da *Royal Society* (Londres), em 1662, pode ser um marco da concepção cartesiana de mundo em oposição à concepção aristotélica e católica, expressando novo paradigma da ciência, no período das revoluções científicas. Trata-se de uma instituição que reúne as condições para institucionalizar os procedimentos seculares visando ao estabelecimento de um sistema de comunicação da ciência, segundo os moldes sugeridos nos trabalhos de Francis Bacon.

Os membros da *Royal Society* comunicavam-se através de cartas. Realizavam, ainda, muitas viagens para obter informações do que estava acontecendo em outras partes do mundo e transmití-las aos demais membros da comunidade científica. Henry Oldenburg (primeiro secretário da *Royal Society*) era o centro de difusão de informações sobre novas idéias e pesquisas e, percebendo que o grande volume de correspondência acarretava um ônus insustentável, resolveu fazer uma publicação impressa das cartas e distribuí-la entre os membros da sociedade. (MEADOWS, 1999).

Pouco tempo depois, mais precisamente em 1665, a *Royal Society* publica o *Philosophical Transactions*, o primeiro periódico científico que se tem notícia, colaborando para intensificar a difusão da idéias e descobertas científicas da época.

A publicação de artigos de periódicos facilitou a propagação tão esperada do conhecimento científico, possibilitando os debates entre os pares. Significava o início da formalização do processo de comunicação científica, tornando-se um canal formal de divulgação, que permitia às pesquisas ficarem disponíveis por longos períodos de tempo para um grande e variado público (MEADOWS, 1999).

Contudo, o crescimento elevado de informações novas provocou situações que a sociedade não estava preparada para enfrentar. Segundo Côrtes (2006, p. 50): “A facilidade de publicação propiciada pelos periódicos científicos levou à produção científica a um nível de crescimento que, em meados do século passado, não havia uma forma de lidar e fazer uso efetivo das informações disponíveis”. Uma das maiores preocupações na época era que aumentavam, consideravelmente, as chances de se perder excelentes trabalhos em meio a tantos artigos publicados.

Além do surgimento das sociedades científicas e dos periódicos científicos, outros aspectos são apontados como responsáveis pela expansão e acumulação do conhecimento científico: “[. . .] a laicização do conhecimento com o fim do monopólio do saber controlado pela Igreja Católica [. . .] [e] o desenvolvimento do método científico e das descobertas científicas.” (WEITZEL, 2006, p.83).

Os problemas de acesso à imensa massa de informação científica prosseguiram até meados do século XX, “[. . .] quando ocorreram grandes avanços da ciência e tecnologia, aumento considerável do número de cientistas e dos investimentos em P&D, especialmente durante a 2ª Grande Guerra Mundial, desencadeando alta produção de publicações técnico-científicas [. . .]” (WEITZEL, 2006, p.84). Fez-se necessário, então, buscar novos canais de comunicação que privilegiassem a velocidade e confiabilidade na busca da informação.

O desenvolvimento da *World Wide Web* por Tim Berners-Lee, na década de 60, deu início a possibilidade de acesso a textos com *links*, conhecidos como hipertextos, resultando em maior disponibilidade de publicações científicas com rapidez maior de acesso. Em vista dessa descoberta tecnológica, surge uma nova visão em relação à comunicação científica e vários projetos, apontados por Côrtes (2006), são implantados:

[. . .] projetos como On-Line System (NLS) da Universidade de Stanford, o HES (Hypertext Editing System) e o FRESS (File Retrieval and Editing System) da Brown University, criaram as bases para o desenvolvimento da Web em anos posteriores [. . .]. Atualmente, a comunicação científica encontra-se diante de uma série de novas possibilidades e desafios. As publicações impressas somam-se jornais científicos on-line, fóruns de discussão, sistemas de open archives e open access, além de ‘nuvens virtuais’ de literatura cinzenta na Web. (CÔRTEZ, 2006, p. 53).

O desenvolvimento tecnológico, especialmente a internet, colabora ainda mais para a “explosão bibliográfica”, pois a facilidade de acesso veio acompanhada

do aumento de artigos disponibilizados. “Novos formatos e canais de comunicação se tornaram disponíveis, expandindo de maneira nunca vista as possibilidades da comunicação e eliminando barreiras geográficas.” (MULLER, 2000, p. 24). Hoje, é possível acessar uma quantidade maior de documentos em muito menos tempo e, muitos deles, com custo zero.

Quanto às contribuições da Internet, Stumpf e Mesquita (2004, p. 261), ressaltam que: “[. . .] a Internet propicia tanto o registro quanto a transferência direta de informações, favorecendo a criação, a disseminação e a utilização do conhecimento científico.”. Destacam ainda como benefícios que: “A rede acelera a troca de informações científicas, através, por exemplo, da utilização de serviços diferenciados, como o correio eletrônico, listas de discussão e publicação de documentos científicos.” (STUMPF; MESQUITA, 2004, p. 262).

As mudanças na maneira de comunicar a ciência, advindas do desenvolvimento acelerado da internet, possuem aspectos positivos e negativos, que são bem explicados por Meadows (1999, p. 45):

A mais óbvia é a distinção tradicional entre comunicação formal e informal. Um ambiente de meios eletrônicos é muito mais flexível do que um ambiente de meios impressos, por isso, nele, a antiga diferença entre formal e informal perde grande parte de sua força [. . .]. Um aspecto negativo importante é que a qualidade da informação proporcionada torna-se de difícil avaliação. Um aspecto positivo importante é que a comunicação eletrônica é mais democrática, no sentido de que tende a atenuar as diferenças entre os participantes, e outro é que estimula a colocação e o trabalho interdisciplinar.

As atividades e produtos informatizados tendem a aumentar e melhorar a produção científica nos próximos anos, permitindo também maior acesso a informações preciosas para o desenvolvimento de novas pesquisas em todas as áreas.

## 3.2 REVISTAS CIENTÍFICAS

Nesta seção, trataremos das revistas científicas em geral, e das revistas brasileiras de Comunicação.

### 3.2.1 Revistas Científicas em Geral

Até o século XVI os fenômenos da natureza eram explicados através da argumentação e da dedução pelos filósofos, considerados os “cientistas” da época. A comunicação entre eles acontecia pessoalmente ou por meio de cartas.

De acordo com Stumpf (1994, p. 55):

A correspondência pessoal foi o primeiro meio utilizado pelos cientistas para a transmissão de suas idéias. As cartas eram enviadas pelos homens de ciência a seus amigos para relatar suas descobertas mais recentes e circulavam entre pequenos grupos de interessados que examinavam e discutiam criticamente. Sua divulgação era, então direcionada, uma vez que seus autores quase nunca as enviavam para aqueles que podiam refutar suas teorias ou rejeitar seus experimentos.

Stumpf (1994) ressalta que a morosidade deste processo de divulgação somado ao número restrito de pessoas que alcançava, tornou-o inadequado para o propósito a que se destinava, ou seja, divulgar a ciência.

A grande mudança ocorreu no século XVII, quando a comunidade científica passou a exigir comprovação dos fatos mediante observação e experiência empírica. Naquele momento, existia a necessidade de uma comunicação mais rápida e precisa, permitindo a troca de informações sobre as idéias e descobertas dos cientistas de modo igualmente rápido entre os demais membros da comunidade científica. O periódico científico ou revista científica, “[. . .] denominação cada vez mais aceita, no Brasil, para designar as publicações produzidas em intervalos regulares e que reúnem artigos ou contribuições sob um título comum” (STUMPF, 2005, p. 103), e *journal* em países de língua inglesa, foi o meio de divulgação encontrado para satisfazer as necessidades da época. (MUELLER, 2000).

Fundado pelo francês Denis de Sallo em 5 de janeiro de 1665, em Paris, o *Journal des Sçavans* é o primeiro periódico publicado. Sallo justificava sua publicação afirmando que muitas pessoas não dispunham de tempo para ler um livro na íntegra. O *Journal des Sçavans* tinha circulação semanal e objetivava:

Catalogar e dar informações úteis sobre livros publicados na Europa e resumir seus conteúdos, divulgar experiências em física, química e anatomia que possam servir para explicar os fenômenos naturais, descrever invenções ou máquinas úteis e curiosas, registrar dados meteorológicos, citar as principais decisões das cortes civis e religiosas e censuras das universidades, e transmitir aos leitores todos os conhecimentos dignos da curiosidade dos homens. (HOUGHTON, 1975 p. 13-14).

O *Journal des Sçavans* teve sua publicação interrompida diversas vezes por

exigência da coroa francesa que se sentia agredida por algumas matérias ali publicadas. O *Journal des Sçavans* é considerado o precursor do atual periódico de humanidades, pois tratava de temas dos mais diversos que pudessem ser de interesse dos homens letrados sem se limitar a uma área específica, influenciando publicações de ciência geral. Posteriormente, admitindo não ser possível contemplar tantos temas, o periódico passou a se restringir a temas não científicos (MEADOWS, 1999).

O *Philosophical Transactions*, periódico inglês publicado desde 1665, surgiu apenas dois meses após o periódico francês. É considerado o precursor do periódico científico atual. Fundado por filósofos ingleses, se destinava a divulgar estudos e pesquisas de cientistas de várias partes do mundo com a finalidade de manter os membros da *Royal Society* a par das descobertas científicas (MEADOWS, 1999). Inicialmente, com periodicidade mensal (sempre na primeira segunda-feira de cada mês, desde que houvesse material suficiente), publicava as cartas com relatos de pesquisas dos membros da *Royal Society* enviadas a seus colegas cientistas da Inglaterra e Europa. (MUELLER, 2000).

A partir da aceitação do *Philosophical Transactions* pelos cientistas da época, outros periódicos sob a responsabilidade de sociedades científicas começaram a surgir em vários países europeus. A transmissão de fatos, idéias e observações científicas ganham um forte aliado nesse tipo de publicação, cujas vantagens e características são apontadas por Côrtes (2006):

- a) facilidade de reprodução do texto original, permitindo sua distribuição e utilização em diversos locais;
- b) redução dos custos de difusão;
- c) alta possibilidade de retenção e documentação por parte do receptor (o texto impresso, quando bem cuidado, pode ser utilizado por décadas ou mesmo centenas de anos);
- d) facilidade de comparação de idéias e da evolução do conhecimento sobre determinados temas;
- e) eliminação quase total da ocorrência de distorções pessoais ao longo da cadeia de difusão do conhecimento;
- f) níveis bem mais elevados de difusão do conhecimento, atingindo um número maior de pessoas e locais geograficamente distantes;
- g) aumento significativo da velocidade de difusão;



h) incremento da troca de idéias e incentivo ao debate.

O surgimento dos periódicos representou o início da formalização da comunicação científica. Por “formalização” entende-se a disponibilização ampla (ou publicação), o que difere este canal de uma conversa ou correspondência pessoal, por exemplo.

Outra importante contribuição do *Philosophical Transactions* ao atual formato de periódico científico foi a avaliação prévia, por membros do conselho da *Royal Society*, dos textos que eram publicados, o que hoje é conhecido como revisão pelos pares. Este processo é hoje fundamental para a validação dos estudos por outros especialistas (MEADOWS, 1999).

No século XVIII os periódicos começaram a se especializar em áreas do conhecimento, especialmente, nas áreas da Física e da Química. Porém, de forma majoritária, os periódicos continuavam a ser não especializados, abrangendo amplamente as ocorrências científicas.

No século XIX houve um aumento significativo no número de revistas publicadas, devido ao número de pesquisas. Acrescenta-se a isso o advento da fabricação do papel com polpa de madeira e os avanços na tecnologia de impressão, que impulsionaram a produção editorial. O surgimento de revistas de resumos, indicando a possibilidade de recuperação dos artigos das revistas científicas facilitou o uso desse tipo de publicação, contribuindo para seu desenvolvimento.

O crescimento das revistas científicas permaneceu durante o século XX, quando as revistas passaram a ser publicadas não só por universidades, como também por editoras comerciais e pelo Estado (STUMPF, 1994). A partir de então as revistas consolidam-se como veículo de comunicação científica, passando a ganhar credibilidade para substituir até mesmo os livros, que começaram a representar um problema devido ao tempo necessário para sua produção, à demora na divulgação das pesquisas e ao custo elevado de publicação. Em relação ao crescimento das revistas técnico-científicas, Stumpf (1994, p. 63) relata que:

[. . .] do ano de 1750, quando havia em torno de 10 revistas técnico-científicas sendo publicadas no mundo. Em 1800, segundo seus cálculos [Solla Price], o número aumentaria para 100, em 1850 para 1000, em 1900 já seriam 10.000 e em 1950 seriam 100.000. Em 1960, quando elaborou a estimativa, já seriam em torno de 163.840 títulos, e a partir daí, com o

progresso verificado na área científica, a taxa dobraria a cada 10 a 15 anos.

A autora, no entanto, alerta através de estudos de vários autores que em tais dados podem estar incluídas publicações seriadas de todos os tipos e, não somente as revistas técnico científicas (STUMPF, 1994).

No país, o uso do termo “periódico científico” ou “revista científica” tem sua maior aceitação dependendo do profissional que o utiliza. Observa-se a preferência da comunidade acadêmica em geral pelo termo “revista”, mesmo sem o uso da qualificação “científica”, já que consideram que o contexto a dispensaria (STUMPF, 1998b).

O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) publicou em 1956, o Periódicos Brasileiros de Cultura, cujo objetivo era relacionar, na tentativa de controlar, os títulos de periódicos em todas as áreas da cultura no Brasil. Em 1977 a publicação ganhou o nome de Periódicos Brasileiros em Ciência e Tecnologia e continha somente títulos de periódicos na área científica e tecnológica, publicada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que sucedia o IBBB. A publicação sofreu nova alteração no nome em 1987, passando a denominar-se Guia de Publicações Seriadas Brasileiras (STUMPF, 1998b). Atualmente o número e o título dos periódicos brasileiros é controlado pelo *International Standard Serial Number* (ISSN), atribuído no país pelo IBICT.

Durante muito tempo, as revistas tiveram como suporte somente o papel. Porém, com o avanço tecnológico e a popularização da internet, a partir do início dos anos 90 começaram a ser editadas em materiais multimídia e, muitas delas encontram-se inclusive ou tão somente no formato *on-line*. A impressão em papel ainda é majoritária e, acredita-se que nunca irá deixar de existir. Contudo, acredita-se também, que a tendência é de aproveitar as vantagens tecnológicas, diminuindo o consumo de papel por razões que vão desde o custo até a preservação do meio ambiente.

Em relação ao periódico *on-line*, podemos destacar como vantagem tecnológica a rapidez e a versatilidade com que permite a divulgação da pesquisa; a quebra de barreiras geográficas para o acesso de seu conteúdo, permitindo a recuperação da informação de maneiras diversas. E, ainda, a vantagem de um texto eletrônico poder incluir *links* para outros hipertextos, para o contato com o autor, facilitando a troca de idéias entre os interessados no assunto e o acesso a imagens,

sons e movimento. Apesar das inúmeras vantagens do periódico eletrônico, inclusive econômicas, uma vez que muitos periódicos oferecem seu conteúdo na íntegra e gratuitamente pela internet, muitos cientistas ainda preferem a publicação impressa. Talvez por estas inspirarem maior confiança, uma vez que mantêm o registro primário, aprovado pela ciência certificada (MUELLER, 2000).

No entanto, nem tudo é tão fácil como parece e as revistas eletrônicas podem representar grandes problemas para as bibliotecas assinantes. No caso dos CD-ROMs, não há garantias de que os equipamentos utilizados para acessar o conteúdo permaneçam estáveis, ao contrário, com o avanço tecnológico cada vez mais rápido, esses equipamentos tendem a obsolescência. Neste caso, obrigaria a instituição anfitriã do acervo eletrônico a migrar o conteúdo das revistas para mídias e configurações mais atuais, de tempos em tempos, na tentativa de garantir o acesso à informação, acarretando um custo considerável à coleção.

No caso das revistas *on-line*, os problemas podem ser ainda maiores, uma vez que a assinatura deste tipo de coleção garante o direito ao acesso, via internet, de seu conteúdo. O problema é que não se sabe por quanto tempo o material estará disponível, assim com não se pode prever os problemas de acesso causados por falhas na conexão, no equipamento, entre outros (MEADOWS, 1999).

Como funções de uma revista científica, podemos citar a de serem a memória e o arquivo da Ciência, a de comunicação e divulgação científica, a de formalização do conhecimento e de instrumento de reconhecimento de pesquisadores. Na função de memória e arquivo da Ciência, as revistas atuam como preservadoras da documentação científica, que poderá ser consultada pelas gerações futuras. Por serem caracteristicamente periódicas, as revistas científicas contribuem para a constante alimentação desta memória (BIOJONE, 2003; STUMPF, 1994).

Na função de comunicação e divulgação da Ciência, as revistas atuam como meio de divulgação do conhecimento, o que favorece a troca de informações entre pesquisadores, contribuindo assim para o avanço científico. Esta era a principal função das revistas, quando do seu surgimento e que permanece até hoje.

A formalização do conhecimento provém da avaliação pelos pares, legitimando as pesquisas publicadas. A avaliação pelos pares também influi em outra função das revistas, a de serem instrumentos de reconhecimento dos pesquisadores, pois, antes de publicado, o artigo deve ser aprovado como

contribuição válida e relevante para a área. Desta forma, fica garantida também a propriedade intelectual e a prioridade na descoberta científica.

As revistas científicas também apresentam problemas. Segundo Mueller (2000, p. 76-77), os principais deles apontados pelos pesquisadores, são:

- a) demora na publicação de um artigo que, às vezes chega a ser de um ano após o recebimento pelo editor;
- b) custos altos de aquisição e manutenção de coleções atualizadas;
- c) rigidez do formato impresso em papel, quando se compara com a versatilidade dos formatos eletrônicos;
- d) dificuldade para o pesquisador, em saber o que de seu interesse está sendo publicado, pois são muitos os periódicos e pouco eficientes os instrumentos de identificação e busca;
- e) dificuldade para o pesquisador, em ter acesso a artigos que lhe interessam, pois mesmo sabendo que um novo artigo de seu interesse foi publicado, nem sempre sua biblioteca assina o periódico que publicou ou consegue obter uma cópia desse artigo com a rapidez suficiente.

As causas desses problemas vêm da proliferação dos periódicos como conseqüência do crescimento dos artigos enviados para publicação, proporcionado pelo fato de que as regras da comunidade científica para promoção na carreira universitária e concessão de prêmios e o fomento à pesquisa tomam como critério o número de publicações para julgar o mérito científico do pesquisador.

Contribui também para o panorama apresentado acima, o crescimento natural da ciência e a dispersão dos artigos sobre um mesmo tema em vários periódicos, nem sempre especializados, obrigando o pesquisador que quer se manter atualizado, a despender tempo demasiado na busca de informações precisas, mas dispersas.

A proliferação dos títulos de periódicos também ocasiona a elevação no custo para a atualização das coleções de periódicos das bibliotecas. Especialmente no Brasil, o custo de manutenção e atualização das coleções ocorre, principalmente, por causa de decisões políticas e circunstâncias econômicas do país (MUELLER, 2000).

Para melhor compreensão sobre as revistas científicas, revisaremos a seguir algumas definições desse tipo de publicação. Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2003a) a publicação periódica científica impressa é:

Um dos tipos de publicações seriadas, que se apresenta sob forma de revista, boletim, anuário, etc., editada em fascículos com designação

numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados (periodicidade), por tempo indeterminado, com a colaboração, em geral, de diversas pessoas, tratando de assuntos diversos, dentro de uma política editorial definida, e que é objeto de Número Internacional Normalizado (ISSN). (ASSOCIAÇÃO..., 2003a, p. 2).

Segundo Souza (1992), pode-se afirmar que:

Periódicos são publicações editadas em fascículos, com encadeamento numérico e cronológico, aparecendo a intervalos regulares ou irregulares, por um tempo indeterminado, trazendo a colaboração de vários autores, sob a direção de uma ou mais pessoas mas geralmente de uma entidade responsável, tratando de assuntos diversos, porém dentro dos limites de um esquema mais ou menos definido. (SOUZA, 1992, p. 19).

Podemos então sintetizar algumas características dos periódicos científicos:

- a) continuidade por tempo indeterminado: intenção de perpetuidade, pois mesmo que o título seja extinto sua matéria não é considerada esgotável;
- b) intervalos pré-fixados: ou periodicidade, que representa o intervalo de tempo entre as publicações (nem sempre a periodicidade é respeitada, já que alguns títulos são publicados fora do prazo proposto inicialmente, sendo este um dos critérios de avaliação da qualidade editorial da revista);
- c) colaboração de várias pessoas: as revistas devem conter contribuições de vários autores, preferencialmente autores de destaque na área para a valorização do periódico;
- d) conteúdo sobre assuntos diversos: os periódicos científicos podem trazer artigos versando sobre temas diferentes dentro de uma área, ou aspectos diferentes de um mesmo tema mesmo quando o fascículo é temático (SOUZA, 1992);
- e) política editorial definida: as revistas são regidas por uma política editorial para definição de seu assunto, foco, critérios de seleção de artigos e membros do conselho editorial, normas de apresentação dos trabalhos, entre outros, sendo importante fator de determinação da qualidade da revista.

Tendo em vista sua publicação periódica, as revistas são o veículo mais ágil de atualização para os pesquisadores. Como seu processo editorial é dinâmico e sua periodicidade pode variar de semanal a anual, as revistas são mais utilizadas do

que os livros para a divulgação de pesquisas recentes.

As revistas científicas também garantem a qualidade da informação que publicam através do sistema de avaliação pelos pares, onde o artigo é avaliado por outros especialistas segundo critérios de qualidade da política editorial da revista, sendo finalmente reprovados ou aprovados (e eventualmente modificados) para sua publicação. Assim, a pesquisa publicada em uma revista científica é considerada válida e interessante por outros especialistas da área, ou seja, a pesquisa se torna certificada (STUMPF, 2005).

Em meados de 1980, o CNPq e a FINEP iniciaram programas de apoio às revistas científicas nacionais. Posteriormente, unindo esforços, criaram o Programa de Apoio a Revistas Científicas, cuja meta era apoiar ao menos um título de prestígio internacional em cada área do conhecimento. Entre os anos de 95 e 96, o programa chegou a financiar aproximadamente 130 títulos (STUMPF, 1998b). Em complemento às ações do governo e das universidades, em 1985 os editores de revistas fundaram em associação a ABEC (Associação Brasileira dos Editores Científicos), cujos objetivos eram desenvolver e aperfeiçoar a publicação das revistas científicas e o debate e divulgação de informações de interesse dos editores. Para lograr resultados, a ABEC passou a realizar anualmente os Encontros de Editores de Revistas Científicas (STUMPF, 1998b).

Em relação à avaliação da qualidade das revistas, o Brasil conta com uma importante ferramenta desenvolvida pela CAPES: o Qualis – Sistema de Classificação de Periódicos, Anais e Revistas. O Qualis avalia as revistas atribuindo classificação (A, B ou C) e circulação (Internacional, Nacional e Local). A avaliação final é composta pela classificação mais a circulação do periódico, que pode variar de A Internacional (revista de maior vigor científico) a C Local (revista de menor vigor científico) (COORDENAÇÃO..., 2006).

A classificação Qualis A Nacional para as revistas de Comunicação, indica que as revistas (de circulação nacional) que obtiveram este conceito seguem integralmente critérios que as qualificam, como: explicitação das regras de submissão de originais; prioridade dada ao texto decorrente de pesquisa em face de outros gêneros de texto; prioridade dada à descoberta científica e à invenção metodológica ou conceitual contra o princípio de “escoamento da produção” da instituição; e qualidade dos trabalhos e impacto sobre o campo científico da Comunicação ou da Ciência da Informação (COORDENAÇÃO..., 2006).

### 3.2.2 Revistas Científicas Brasileiras em Comunicação

As revistas científicas, como forma de registro da produção científica, têm ampla aceitação na comunidade científica. Porém, esta aceitação e a qualidade dos periódicos são heterogêneas em cada área do conhecimento (STUMPF, 2003). Devido à dinâmica de criação e extinção de títulos de revistas, constitui tarefa difícil precisar o número de revistas existentes, mesmo em nível nacional. No que diz respeito à avaliação da qualidade das revistas, também não parece possível aos pesquisadores estabelecerem critérios de avaliação que possam ser aplicados às revistas de todas as áreas do conhecimento, já que estas também podem ser diferentes quanto ao enfoque da avaliação (STUMPF, 2003).

O primeiro periódico brasileiro em Comunicação surge na década de 60, juntamente com a institucionalização das pesquisas na área. A revista *Comunicações & Problemas* foi lançada em 1965, na cidade de Recife, sob a direção de Luiz Beltrão (cientista pioneiro em Comunicação) e responsabilidade da ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação, entidade associada à Universidade Católica de Pernambuco). Os fundadores da revista espelharam-se no modelo editorial da pioneira revista norte-americana *Journalism Quarterly* (FERREIRA; TARGINO, 2005).

Em um estudo sobre a visão de pesquisadores e docentes de programas de pós-graduação em Comunicação do país quanto às revistas da mesma área, Stumpf (2003), fez um levantamento sobre a opinião geral quanto à qualidade de algumas revistas, seu prestígio junto à comunidade em questão e a opinião sobre a contribuição das revistas à área. A INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação foi a revista com melhor avaliação geral, e seu prestígio junto à comunidade é muito bom. A revista *Comunicação & Sociedade* teve avaliação favorável, com boa contribuição à área e com bom prestígio junto à comunidade. A revista *Comunicação & Política* teve avaliação geral satisfatória, com artigos considerados de boa qualidade, contribuição positiva para a área e com prestígio junto aos docentes. A revista *Comunicação & Educação* também teve avaliação favorável na avaliação geral e prestígio junto à comunidade, e foi considerada de prestígio junto à comunidade e seus artigos foram avaliados como sendo de boa qualidade. A Revista FAMECOS teve avaliação favorável quanto à avaliação geral e contribuição para a área, também sendo seus artigos avaliados como de boa

qualidade. O estudo da autora conclui que não há um título padrão na área onde haja uma preferência uniforme para a publicação de artigos, como ocorre em outras áreas de mais maturidade científica.

Em um estudo sobre o perfil das revistas da área, Stumpf e Machado (2006) levantaram algumas características em relação a 37 títulos correntes da área: os assuntos aceitos para a publicação (conforme indicações contidas nas normas de publicação de cada revista), são Comunicação Social, Mídia, Cultura, Jornalismo e Informação; as revistas apresentam um editor responsável e também um conselho consultivo permanente (a maioria conta também com membros estrangeiros); a maioria têm comissão editorial; as revistas são jovens (criadas em sua maioria a partir da segunda metade dos anos 90); grande parte têm periodicidade semestral; as revistas são bem conceituadas (têm em sua maioria Qualis A, B ou C Nacional); há um equilíbrio entre os formatos impresso e eletrônico, com leve predominância do formato impresso. O estudo revelou a busca das revistas da área pela padronização na apresentação das citações e referências nos artigos.

### 3.3 ARTIGO CIENTÍFICO

O artigo científico teve sua origem na correspondência trocada nas cortes européias, era uma forma de divulgação dos fatos novos, das descobertas, que com o tempo passou a exercer a função de divulgação da ciência, como já foi falado no primeiro capítulo deste referencial teórico. As cartas passaram a transmitir um conteúdo mais crítico sobre determinados assuntos, recebendo o nome de *Republique des Lettres*, colaborando para a introdução dos progressos da ciência inglesa e da filosofia experimental de Bacon na França e da matemática francesa e filosofia cartesiana na Inglaterra por exemplo (SARMENTO E SOUZA; VIDOTTI; FORESTI, 2004).

O grande “boom” aconteceu com o surgimento das sociedades científicas em 1660. Henry Oldenburg, primeiro secretário da Royal Society, aperfeiçoou o texto científico proposto por Robert Boyle, fundador da sociedade em questão. Ao manter a neutralidade discursiva, visando conquistar a confiança do leitor e garantir a veracidade do texto, Henry Oldenburg expõe para a comunidade científica um relatório que mais tarde acaba sendo adotado como modelo na produção de artigos



de periódicos científicos. “Para tanto, o autor do relatório deve manter posturas isentas, evitando declarações especulativas” (WEITZEL, 2005, p. 166). Este modelo criado no século XVII é utilizado até hoje pelas revistas científicas consolidadas, com pequenas alterações na estrutura de acordo com a área de estudo.

Os artigos passam a ser, basicamente, o material publicado nas revistas científicas. Eles têm praticamente a mesma função das revistas, ou seja, divulgar e preservar o conhecimento gerado pela pesquisa. Os artigos não possuíam ainda a forma atual. Foi por volta de 1850 que começaram a incluir as referências de trabalhos anteriores e, em torno do ano de 1860 começam a ganhar alguma padronização e passam a reunir os trabalhos de uma mesma área.

Somente um século depois é que os artigos passam a incluir palavras-chave. O *Style Manual for Biological Journals* de responsabilidade do *American Institute of Biological Sciences*, solicitava, nesta época, aos autores de artigos, que determinassem de cinco a oito palavras para indexação de seu artigo e as colocassem logo após o resumo (SARMENTO E SOUZA; VIDOTTI; FORESTI, 2004).

A inclusão de referências nos artigos passa a ser uma exigência da sociedade científica. O reconhecimento pela pesquisa é necessário, também, para assegurar a prioridade de trabalhar determinado tema. Segundo Ziman (1979):

A insistência na questão da prioridade é necessária para impedir fraudes e plágios; é a assinatura nos títulos de propriedade de nossas realizações. E o que torna isso tão importante é precisamente a natureza pública do conhecimento científico, a sua liberdade, o seu comunitarismo, a ausência de direitos e de patentes, e de outras restrições ao seu uso. O alquimista guardava o segredo da transmutação para poder acumular ouro secretamente; o cientista, num certo sentido, publica o segredo em troca de um milhão de centavos de reconhecimento da parte dos que usam a sua técnica. (ZIMAN, 1979, p. 108).

O autor salienta que a questão da originalidade nas pesquisas traz vantagens para o pesquisador como: a premiação, a promoção de cargo, a conquista de títulos honoríficos, recompensas e a obtenção de empregos. O estabelecimento da prioridade de autoria é uma das únicas funções a ter consenso da comunidade científica e acadêmica. Muito bem lembrado por Ziman (1979, p. 124), “[. . .] a publicação de trabalhos científicos não é feita irrestritamente. Um artigo publicado numa revista conceituada não representa apenas a opinião do autor; leva também o selo da autenticidade científica através do *imprimatur* dado pelo editor e os

examinadores que ele possa ter consultado”. Desta forma, o artigo científico é o meio de divulgação da pesquisa original, um texto que sofre influências de diversos especialistas responsáveis pela revista na qual será publicado o artigo. A originalidade então, não está no artigo e, sim, na pesquisa que originou a publicação.

A angústia da comunidade científica em relação à prioridade sobre determinada pesquisa, se torna mais evidente a partir do momento em que começam a aparecer as datas de recebimento do original pelo editor (Meadows, 1999).

Quanto ao idioma, percebe-se a tendência de se publicar em uma língua de amplo alcance, como o inglês. Este idioma é mais utilizado em revistas que desejam obter alcance internacional, mesmo quando produzidas em países subdesenvolvidos (STUMPF, 1998a).

O artigo pode ser analítico, classificatório, ou argumentativo e seu conteúdo pode variar, mas normalmente, apresenta resultados de estudos e pesquisas. A exceção ocorre com os artigos de revisão de literatura, que são “[. . .] estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos [. . .]” (NORONHA; FERREIRA, 2000, p. 191). Estes artigos costumam ter um subtítulo que indica a natureza do trabalho.

A revisão de literatura, quanto ao propósito, pode ser analítica (feita como um fim em si mesma fornecendo um panorama geral de determinada área), ou de base (o propósito é servir de apoio, suporte para a comprovação ou não de hipóteses e idéias em pesquisas científicas). Quanto à abrangência podem ser temporais: que tratam de um assunto dentro de um período específico; temáticas: trata-se de uma abordagem mais profunda de um tema específico. Quanto à função, as revisões podem ser históricas: arrolam literatura retrospectiva de forma compacta, permitindo uma comparação de informações e fontes diferentes; de atualização: informa sobre literatura publicada recentemente, servindo como um serviço de alerta, salientando os trabalhos mais importantes sobre o assunto de cobertura. Quanto ao tratamento e abordagem dos trabalhos analisados, as revisões podem ser bibliográficas: trata-se de um apanhado dos documentos selecionados, sem grandes análises ou apontamentos críticos; críticas: cada trabalho selecionado reflete a opinião do

revisor, que emite julgamento de valor e sua importância depende da autoridade de quem elabora (NORONHA; FERREIRA, 2000).

Os artigos de revisão de literatura, juntamente com os índices e abstracts, funcionam como fonte de informação sobre trabalhos realizados em um determinado tema. Estes artigos podem facilitar a busca de trabalhos que ocorreram ou estão ocorrendo em determinado período, podendo substituir a consulta a uma série de outros trabalhos e, ainda, sugerir temas para novas pesquisas (NORONHA; FERREIRA, 2000).

As revisões de literatura devem ser feitas por especialistas com conhecimento ou domínio da área na qual o tema é abordado, pois esse tipo de publicação possui a opinião e a crítica do compilador. Os compiladores ou revisores têm por função “digerir, consolidar, simplificar, analisar, comparar informações dispersas e reempacotá-las de modo a torná-las úteis para dada categoria de usuários” (NORONHA; FERREIRA, 2000, p. 192).

A estrutura e tipologia do texto, segundo Kryzanowski, Ferreira e Medeiros (2005), devem corresponder às exigências da revista na qual será publicado o trabalho, que pode variar de acordo com a área de conhecimento. Algumas revistas da área da Comunicação, por exemplo, além dos artigos de originais de pesquisa (devem ter até 4.000 palavras), publicam comunicações breves (relatos curtos contendo até 1.500 palavras); artigos de revisão (até 5.000 palavras); artigos de atualização (trabalhos descritivos e interpretativos com até 3.000 palavras); relatos de experiências (até 1.500 palavras); cartas aos editores (até 500 palavras); resenhas (resumos comentados sobre publicações, em geral, recentes); ensaios (textos de análise com até 4.000 palavras); debates; notas de pesquisa (ênfaticam hipóteses, progressos e dificuldades de pesquisas em andamento com até 4.000 palavras); depoimentos e entrevistas.

De acordo com Lakatos e Marconi (1992) e França *et al.* (2004), a estrutura básica de um artigo científico é formada por: informações preliminares (título e subtítulo do trabalho, nome do autor), resumo na língua do texto, corpo do artigo subdividido em introdução (apresentação do assunto, objetivo, limitações e revisão de literatura), texto ou desenvolvimento (metodologia ou materiais e métodos e os resultados), conclusão (deduções fundamentadas no texto), notas explicativas, anexos e/ou apêndices e referências.

### 3.3.1 Partes do Artigo

Nesta seção, serão abordadas as partes que compõem um artigo científico.

#### 3.3.1.1 Elementos Pré-Textuais

Abaixo, serão abordados os elementos pré-textuais:

- a) *Título*: O título dos artigos em geral apresenta uma característica em especial: sua extensão, geralmente mais longos do que os títulos dos livros, devido ao nível de detalhamento que apresentam, porém, os títulos de artigos das áreas de Ciências Sociais e Humanas nem sempre são tão detalhados e informativos (MEADOWS, 1999). De acordo com Kryzanowski, Ferreira e Medeiros (2005), o título do artigo não deve ser muito extenso, mas deve ser preciso, a fim de que seu conteúdo possa ser captado exatamente. De acordo com Maltrás Barba (2003), o título deve permitir perceber a temática tratada no artigo e deve destacar sinteticamente o que de mais importante contempla um artigo: o enfoque diferencial em relação ao tema apresentado. Um título bem elaborado é importante para a recuperação do artigo, pois permite ao leitor a identificação e seleção mais rápida do artigo e também é um meio de atrair a atenção do leitor. O título de um artigo é um poderoso meio de agilização do fluxo da informação. De acordo com França *et al.* (2004), o título deve ter clareza e objetividade, podendo ser complementado por um subtítulo. De acordo com Martins e Campos (2000), o título deve representar bem o objetivo do trabalho e também tem como função servir como principal atrativo do artigo.
- b) *Resumo*: Maltrás Barba (2003) afirma que o resumo apresenta rapidamente os pontos principais do conteúdo do artigo. Pode ressaltar a relevância do estudo como pode relacionar as técnicas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. O resumo é importante porque pode ser utilizado pelos serviços de indexação e incluído em bases de dados de resumos, o que facilita a recuperação do artigo e aumenta sua visibilidade. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ASSOCIAÇÃO..., 2003b,

p.1), conforme NBR 6028, define o resumo como: “Apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento”. De acordo com Kryzanowski, Ferreira e Medeiros (2005), o resumo deve propiciar ao leitor poder optar pela leitura completa do artigo ou não, de acordo com seu interesse. O resumo pode não dispensar a leitura completa do artigo se indicar somente os pontos principais do trabalho sem informar dados quantitativos ou qualitativos (é o chamado resumo indicativo) (ASSOCIAÇÃO..., 2003b). O resumo pode dispensar a leitura completa do artigo se informar objetivos, metodologia e resultados (resumo informativo) (ASSOCIAÇÃO..., 2003b). De acordo com Martins e Campos (2000) o resumo deve ser auto-explicativo e abranger informações sobre todo o trabalho, em especial os objetivos e principais resultados. De acordo com França *et al.* (2004) o resumo do artigo no mesmo idioma é elemento indispensável às revistas científicas.

### 3.3.1.2 Elementos Textuais

De acordo com Maltrás Barba (2003), o corpo do artigo deve relatar fidedignamente as etapas da investigação e os resultados obtidos. São características do artigo as separações entre os resultados e as interpretações com embasamento em uma hipótese ou problema. A forma de expressão deve ser sóbria e evitar informações que não sejam realmente necessárias. O corpo textual do artigo geralmente se divide em Introdução, Métodos e Materiais (Metodologia), Resultados, Discussão e Conclusões. De acordo com Kryzanowski, Ferreira e Medeiros (2005), os artigos originais e de pesquisa são divididos em Introdução, Objetivos, Material e Métodos (Metodologia), Resultados, Discussão e Conclusões ou Considerações Finais. Nos artigos de revisão, a organização dos elementos textuais fica a critério do autor, excetuando-se a Introdução, Discussão e Conclusões. De acordo com Lakatos e Marconi (1992), o corpo do artigo se divide em Introdução (onde o autor apresenta o assunto, descreve o objetivo, a metodologia e as limitações do estudo), Texto (onde o autor expõe e demonstra o material, avalia os resultados e os compara com estudos anteriores), e finalmente, as Conclusões (onde o autor apresenta deduções lógicas de forma resumida e fundamentada no texto). Os elementos textuais se dividem em:

- a) *Introdução*: De acordo com Martins e Campos (2000), na introdução o autor deve explicar o que foi feito e porque foi feito no estudo, objetivamente. De acordo com França *et al.* (2004), o autor deve expor brevemente o tema tratado de maneira geral, apresentar conceitos, definições, justificativa, objetivos e a relação do tema com seu contexto geral. A revisão de literatura pode ser apresentada dentro da introdução ou separadamente e deve incluir obras que tenham sido utilizadas para embasar o desenvolvimento do artigo. Maltrás Barba (2003) afirma que a introdução do artigo deve contextualizar o tema e relacioná-lo com a literatura existente sobre o assunto. A introdução deve ainda mostrar o estado do tema, a fim de contrastar com a novidade apresentada no artigo.
- b) *Metodologia*: Martins e Campos (2000) afirmam que apenas métodos novos ou pouco usuais devem ser apresentados detalhadamente. No caso de utilização de metodologias já bem conhecidas, deve-se apenas citar a fonte utilizada. França *et al.* (2004) afirmam que a metodologia deve descrever o material e métodos utilizados no estudo e apontar as técnicas de investigação. Modelos de instrumentos de coleta de dados devem ser apresentados em anexo. De acordo com Maltrás Barba (2003), a metodologia tem como função apresentar a cientificidade dos resultados obtidos. A descrição dos procedimentos deve deixar clara a adequação e rigor da aplicação destes.
- c) *Resultados*: De acordo com França *et al.* (2004), os resultados devem ser apresentados detalhadamente, mas de forma clara e objetiva. As tabelas e ilustrações devem complementar o texto, de forma a simplificar seu entendimento. Maltrás Barba (2003) defende que as tabelas e ilustrações fazem parte da formalização da linguagem científica, pois através deles se apresentam os resultados mais significativos, de forma ordenada. Martins e Campos (2000) consideram necessária a inclusão de tabelas e ilustração apenas quando é preciso auxílio na exposição dos resultados.
- d) *Discussão*: De acordo com Maltrás Barba (2003), nesta parte do artigo, os resultados são interpretados e passam a adquirir significados. Assim, o autor pode optar por apresentá-los na mesma seção, intitulada “Resultados e Discussão”, por exemplo. É da discussão que se derivam as considerações finais. Martins e Campos (2000) afirmam que é na

discussão que o pesquisador estabelece a relação entre a revisão de literatura e os resultados, a fim de poder interpretá-los. Nesta seção, o autor pode recomendar outros estudos a serem realizados, que possam complementar o esclarecimento da questão.

- e) *Conclusões*: Maltrás Barba (2003) afirma que nas conclusões o autor resume os pontos principais de forma a valorizar a inovação e relevância do trabalho. França *et al.* (2004) afirmam que as conclusões devem apresentar uma resposta à questão levantada pelo estudo, tendo como base os resultados e a interpretação destes dados, obtidos pelo pesquisador. Martins e Campos (2000) afirmam que as conclusões devem ser concisas e estar diretamente relacionadas aos objetivos do estudo.

### 3.3.1.3 Elementos Pós-Textuais

De acordo com Kryzanowski, Ferreira e Medeiros (2005), o autor deve apresentar na lista de referências todas as obras citadas ao longo do artigo, da forma mais exata. Isso garante a recuperação destas obras, caso o leitor deseje consultá-las. Maltrás Barba (2003) afirma que a lista de referências apresenta todas as obras citadas no estudo, de acordo com as normas estabelecidas pela publicação onde o artigo se insere. As referências refletem a inserção de um estudo individual em uma obra coletiva (de construção do conhecimento). Martins e Campos (2000) atentam para o fato de que cada revista pode ter suas normas próprias de apresentação das referências. As revistas brasileiras geralmente utilizam as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas como base para seu próprio formato de apresentação das referências.

As notas podem ser apresentadas tanto em notas de rodapé, quanto em notas de fim e apresentam considerações que não são incluídas no texto para não interromper o desenvolvimento do texto. As notas podem ser de dois tipos: bibliográficas (quando utilizadas para indicar fontes consultadas ou para ampliar o conhecimento do leitor sobre o tema) e explicativas (quando utilizadas para apresentar comentários ou observações pessoais) (FRANÇA *et al.*, 2004).

Os anexos e apêndices são documentos complementares auto-explicativos, que trazem informações que esclarecem ou comprovam alguma informação trazida pelo autor. Estes documentos são mencionados no corpo do texto e apresentados

no fim do trabalho, para não prejudicar a seqüência da leitura (FRANÇA *et al.*, 2004).

### 3.3.2 Linguagem

De acordo com a Universidade Federal do Paraná (1996, p. 1), pode-se afirmar sobre a objetividade que:

Na linguagem científica os assuntos precisam ser tratados de maneira direta e simples, com lógica e continuidade no desenvolvimento das idéias, cuja seqüência não deve ser desviada com considerações irrelevantes. A explanação deve se apoiar em dados e provas e não em opiniões sem confirmação.

Sobre a clareza da linguagem, a Universidade Federal do Paraná (1996, p. 1) afirma que:

Uma redação é clara quando as idéias são expressas sem ambigüidade para não originar interpretações diversas das que se quer dar. É importante o uso de vocabulário adequado e de frases curtas, sem verbosidade, tendo-se como objetivo facilitar a leitura e prender a atenção do leitor. Os problemas e hipótese devem ser formulados com propriedade, evitando-se expressões com duplo sentido, palavras supérfluas, repetições e detalhes prolixos que dificultam o entendimento do assunto.

Sobre a coerência do autor, a Universidade Federal do Paraná (1996, p. 2) afirma que: “Deve-se manter uma seqüência lógica e ordenada na apresentação das idéias. Um trabalho em geral, se divide em capítulos, seções e subseções sempre de forma equilibrada e coesa.”.

## 3.4 METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO

A humanidade sempre utilizou de seus conhecimentos para sobreviver e evoluir. Até mesmo um indivíduo não alfabetizado possui conhecimentos que lhe foram transmitidos por seus antepassados, configurando o conhecimento empírico, “[. . .] vulgar ou popular, *latu sensu*, é o modo comum, corrente e espontâneo de conhecer, que se adquire no trato direto com as coisas e os seres humanos [. . .].” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 14). É o conhecimento adquirido sem o estudo do



fenômeno através de pesquisa com aplicação de métodos cientificamente comprovados.

O conhecimento científico baseado em fatos reais, constituindo um conhecimento contingente (a veracidade ou falsidade é verificada através da experimentação), é sistemático (ordenado logicamente, formando um sistema de idéias), é verificável (permite que as hipóteses possam ser comprovadas ou refutadas), é falível (não é definitivo, absoluto) e, finalmente, o conhecimento científico é “[. . .] aproximadamente exato: novas proposições e o desenvolvimento e o desenvolvimento de técnicas podem reformular o acervo de teoria existente.” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 18).

De acordo com Demo (2004), o questionamento sistemático é a principal característica da ciência e esta a diferencia do conhecimento não-científico, como o senso comum e a ideologia. “Vamos adotar aqui o questionamento sistemático como marca diferencial da ciência, valorizando principalmente o processo de elaboração argumentada, teórico e prático, mais do que produtos, pontos de partida e pontos de chegada.” (DEMO, 2004, p. 17). O questionamento sistemático (ou o caminho metodológico) está presente em todas as ciências, sejam as naturais ou humanas. Ainda de acordo com Demo (2004, p. 20): “Científico é sobretudo o conhecimento metódico, dotado dos rigores do método.” O autor ainda apresenta o critério da “discutibilidade” como característica da cientificidade, já que a ciência só evolui através da sua capacidade de inovação, através do diálogo crítico irrestrito. “A ciência tem compromisso ineludível de ser crítica e criativa.” (DEMO, 2004, p. 21).

Outra importante característica da ciência é a confiabilidade, porque a difere do senso comum, o conhecimento popular. A confiabilidade é elemento essencial para a consolidação dos fenômenos científicos e pode ser obtida através da divulgação dos resultados para apreciação e julgamento pelos pares. Um estudo transmite credibilidade quando segue uma metodologia rigorosa, neste caso, certamente será aceito pela comunidade científica (MUELLER, 2000).

Conforme Fachin (2003), a ciência é classificada atualmente em: ciências exatas (trata das relações de grandeza, como a matemática), ciências naturais (trata dos dados fornecidos pela natureza, como a biologia, a física e a química), e as ciências humanas (que tratam do homem, seu comportamento, vida em sociedade e seus produtos, como a psicologia, sociologia e história).

De acordo com Demo (1987), descobrimos a realidade através da pesquisa, sendo esta uma atividade interminável. O autor classifica a pesquisa em quatro tipos básicos: a pesquisa teórica, a pesquisa metodológica, a pesquisa empírica e a pesquisa prática. A pesquisa teórica é aquela que propõe e explica quadros teóricos de referência. Para tanto, é necessário que o pesquisador tenha o domínio dos clássicos da área e ainda a capacidade de apresentá-los criticamente, a fim de apresentar contribuições originais. A pesquisa metodológica trata dos instrumentos de coleta e manipulação da própria pesquisa, sendo importante na descoberta de novos caminhos para a compreensão da realidade. A pesquisa empírica é aquela que observa e experimenta os fenômenos através de dados e fatos concretos, extraídos da realidade. A pesquisa prática é, ainda conforme Demo (1987), aquela que põe à prova uma teoria através do teste prático.

Conforme Houaiss (2001) metodologia é um:

[. . .] ramo da lógica que se ocupa dos métodos das diferentes ciências; parte de uma ciência que estuda os métodos aos quais ela própria recorre; em literatura, investigação e estudo, segundo métodos específicos, dos componentes e do caráter subjetivo de uma narrativa, de um poema ou de um texto dramático; corpo de regras e diligências estabelecidas para realizar uma pesquisa; método.

A definição de Houaiss (2001) para método é:

[. . .] procedimento, técnica ou meio de se fazer alguma coisa, de acordo com um plano; processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa, instrução, investigação, apresentação etc.; ordem, lógica ou sistema que regula uma determinada atividade; modo de agir; meio, recurso; maneira de se comportar; qualquer procedimento técnico, científico; conjunto de regras e princípios normativos que regulam o ensino ou a prática de uma arte.

Asti Vera (1973, p. 8) define a metodologia científica como “[. . .] o estudo analítico e crítico dos métodos de investigação e de prova.” Segundo o autor, apenas a utilização de uma metodologia adequada não basta para se ter sucesso em uma pesquisa, mas este é um fator indispensável para que se chegue ao sucesso.

Fachin (2003) afirma que a metodologia oferece ao pesquisador ferramentas que o orientam no planejamento da pesquisa, na formulação de hipóteses, na realização de experiências e na interpretação de resultados. A metodologia representa a seleção dos procedimentos sistemáticos (os métodos) de

planejamento, execução e interpretação da investigação, atribuindo a esta a validade científica. A autora ainda aponta para as particularidades das áreas do conhecimento, já que não existe uma metodologia “universal”, ou seja, aplicável a todas as ciências. Assim, cada área adotará uma metodologia de acordo com seu objeto de estudo e seus objetivos.

### 3.5 A CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL

A área da Comunicação é extremamente jovem, pois a preocupação da comunidade científica com os fenômenos da comunicação surge somente com a “explosão dos meios de comunicação de massa”, em meados do século XX. Rüdiger (2003, p. 15) relata que: “Nos séculos XVIII-XIX, a expressão raramente era problematizada, referindo-se, sobretudo, aos meios de transporte e suas vias de circulação: caminhos, estradas, canais; embarcações, diligências, ferrovias, etc.” A evolução tecnológica acentuada no final dos anos 60 associada à definição dos meios de comunicação como geradores da cultura de massa, teve grande responsabilidade pelas transformações ocorridas na comunicação.

Pesquisadores da América Latina foram fortemente influenciados pelo comunicólogo Eliseo Verón nos anos de 1960 e 1970, para a construção de uma Ciência da Comunicação (GÓMEZ DE LA TORRE, 2001). Nessa mesma época, as agências de publicidade e propaganda brasileiras tornaram-se maiores e mais fortes, dando origem à necessidade de regulamentar as profissões ligadas ao setor. A tarefa de comunicar era atribuída ao comunicador social, que deveria ter o domínio da teoria e da prática de instrumentos para solucionar as questões relativas à Comunicação.

Os cursos de Relações Públicas e Jornalismo passaram a integrar as escolas de Comunicação Social fundadas no início dos anos 70, “os cursos ministrados pareciam bastante acadêmicos, dada a inexistência de laboratórios e demais instrumentos técnicos necessários à formação profissional no que toca às rotinas de produção” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 15). As autoras destacam três eixos de formação do comunicador social: o primeiro se refere à apropriação de conceitos teóricos relativos a área; o segundo insere a comunicação num contexto amplo, englobando conhecimentos filosóficos, científicos e críticos; o terceiro eixo é voltado

à profissão, agregando disciplinas técnicas de codificação específicas (redação jornalística e publicitária).

Comunicar passa a ser a capacidade de percepção do que são e de como se dão as ações de comunicação referentes aos processos, conceitos e instrumentos comunicacionais. A formação acadêmica do comunicador social contempla conhecimentos especializados no campo da comunicação, através de estudos e pesquisas sobre a teoria da comunicação, e a mídia (meios de comunicação) (POLISTCHUK; TRINTA, 2003). Desta forma, os cursos de Comunicação Social passam a ser regulamentados no Brasil, formando jornalistas, publicitários, radialistas e relações públicas.

Melo (1998), em seu livro “Teoria da Comunicação: paradigmas Latino-americanos”, além de abordar a trajetória da área na América Latina, traça o panorama histórico da pesquisa em comunicação no Brasil e destaca seis fases distintas, que são:

- a) *estudos históricos e jurídicos*: com início na década de 30, tinha a preocupação dos historiadores em registrar a memória da imprensa e dos jornalistas e o interesse dos juristas em interpretar os textos legais que regulamentavam a liberdade de expressão, os crimes de imprensa e o controle sobre os meios de difusão cultural;
- b) *pesquisa mercadológica*: predominante nas décadas de 40 e 50, segue os parâmetros da Sociologia e da Economia para analisar os processos de comunicação e reflete a transformação da estrutura produtiva brasileira, com incremento da industrialização e o desenvolvimento do mercado interno. Crescem as agências de propaganda e a necessidade de instrumentos eficazes para a tomada de decisão da veiculação e para fazer as adaptações dos argumentos estadunidenses às condições sócio-culturais do mercado consumidor brasileiro. Surgem as agências de pesquisa de opinião pública e de mercado (IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, IPOM - Instituto de Pesquisa de Opinião no Mercado, INESE - Instituto de Estudos Sociais e Econômicos, Marplan), responsáveis por aferir a audiência dos meios de comunicação, conferir os efeitos dos anúncios e identificar as correntes de opinião na população;
- c) *comparativismo e difusionismo*: ocorre em meados dos anos 60 e caracteriza-se pelo surgimento de dois novos pólos de pesquisa dos

fenômenos comunicacionais, o primeiro é a Universidade através dos cursos de jornalismo, sob influência da CIESPAL (*Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación*) e o segundo é através dos organismos de assistência técnica e de crédito rural. A pesquisa segue os padrões das escolas de jornalismo européias e norte-americanas e está voltada para a observação do impacto de campanhas e eficácia das tecnologias agrícolas na alteração dos padrões de comportamento coletivo dos agricultores;

- d) *deslumbramento e apocalipse*: marcada pelo golpe de 1964, a sociedade brasileira sofre alterações ocasionadas pelo recesso da produção crítica sobre as questões políticas e os conflitos de classe nas universidades. Intelectuais refugiam-se na indústria da cultura para sobreviver. Os meios de comunicação crescem junto com a classe média e incorporam as tecnologias recentes, propiciadas por subsídios do Estado e das empresas multinacionais. Os pesquisadores atentam para as transformações nos meios de comunicação, buscando compreender o crescimento da indústria da comunicação de massa, as novas formas de difusão cultural, as inovações sócio-culturais e seus reflexos nas mudanças de comportamento da população. São estudados os fenômenos relativos a multiplicação dos *comics*, a explosão da telenovela, a modernização dos jornais, o sucesso das revistas especializadas, etc. Segue-se os modelos do CECMAS (*Centre d'Études de Communication de Masse*, Paris), e da Escola de Frankfurt;
- e) *legitimação acadêmica*: ocorre na segunda metade da década de 70, juntamente com a “distensão” do Governo Geisel e a “abertura” do Governo Figueiredo. A pesquisa científica retoma sua trajetória peculiar, tratando de todos os temas nacionais. Os pesquisadores atuantes nas escolas de comunicação intensificam a análise dos fenômenos dos processos de reprodução cultural, de natureza industrial ou de feição artesanal, rústica, popular. Surgem os primeiros cursos de pós-graduação em Comunicação Social (Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade de Brasília), cujas dissertações abordam quadros teóricos e procedimentos analíticos peculiares à Sociologia, Psicologia, Antropologia, História e Lingüística. No final da

década surgem os programas de pós-graduação com propostas pedagógicas autônomas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, vinculado à semiologia e do Instituto Metodista de Ensino Superior, voltado para a comunicação não-hegemônica, a cultura popular, alternativa e de resistência;

- f) *politização dos estudos de comunicação*: os anos 80 significam a retomada da participação política no país, o prenúncio da transição democrática. Neste contexto observam-se dois fatos ligados à pesquisa em comunicação: primeiro o rompimento com os padrões conservadores do funcionalismo norte-americano ou à crítica radical da Escola de Frankfurt. As análises são inspiradas no referencial marxista de Gramsci, Althusser, Raymond Williams, Lucien Goldman, Poulantzas e Mattelart. O socialismo cristão através da teologia da libertação, sob influência de Paulo Freire, Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff. O segundo fato é a articulação entre os pesquisadores da comunicação mediada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (INTERCOM), que exerce o papel de aglutinação acadêmica e política e luta para obter o reconhecimento público da comunicação enquanto área do conhecimento.

A década de 70 marcou também o surgimento de organismos da sociedade civil: a INTERCOM, a UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social) e a ABEPEC (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação). A INTERCOM, fundada em São Paulo no ano de 1977, é considerada de suma importância para a área da Comunicação por projetar o Brasil no cenário mundial das ciências da comunicação, reunindo pesquisadores nacionais e internacionais em seus congressos e seminários, além de incentivar a participação de pesquisadores brasileiros em eventos no exterior. A INTERCOM caracteriza-se pela pluralidade, valorizando a diversidade intelectual e integrando universidades, empresas privadas, governo e movimentos sociais (MELO, 1998).

Na década de 70 foram criados cinco programas de pós-graduação em Comunicação na região sudeste do país, e um em Brasília. Na década de 80, a criação de novos programas não foi tão acentuada, sendo criados três cursos de doutorado e um de mestrado (CAPPARELLI et al., 1997). Já entre os anos de 1993

a 1996 foram criados mais programas do que nas duas décadas anteriores (1972 a 1992), com uma descentralização geográfica (CAPPARELLI et al., 1997).

De acordo com recente estudo (STUMPF et al., 2006), a pesquisa na área da Comunicação é predominantemente originada nos programas de pós-graduação da área, elaborada individual ou coletivamente pelo corpo discente e docente. O mesmo estudo observa que no início da década de 90, o país contava com apenas sete programas de pós-graduação, e que entre os anos de 1992 a 2002, foram produzidas mais de 3.000 teses e dissertações, sendo estes trabalhos um importante objeto de análise da comunicação científica da área. Segundo classificação do CNPq das áreas do conhecimento, a Ciência da Comunicação localiza-se nas Ciências Sociais Aplicadas, sendo uma área em processo de consolidação. Assim, faz-se necessário um diálogo entre os programas de pós-graduação existentes com instituições nacionais e internacionais afins (STUMPF et al., 2006).

Em relação ao crescimento da produção científica da área, um estudo apresenta alguns dados referentes aos anos de 1992 a 2002. Stumpf e Ribeiro (2006) mostram que na década estudada, os Programas de Pós-graduação (PPGs) que mais produziram teses foram os programas da USP, PUC/SP e UFRJ. Quanto às dissertações, os PPGs mais produtivos foram o da USP, PUC/SP, UFRJ e UNESP. Observou-se também um aumento no crescimento no número de PPGs que produziam dissertações, que passou de seis em 1992 e chegou a 17 em 2002. Já o número de PPGs que produziam teses foi de três em 1992, para oito em 2002. Quanto ao crescimento no número de trabalhos, observou-se o aumento de 118 dissertações no ano de 1992 para 521 em 2002. O número de teses, foi de 26 no ano de 1992 à 178 em 2002.

Lopes (2003, p. 278) define o campo acadêmico da Comunicação como “um conjunto de instituições de nível superior destinadas ao estudo e ao ensino da comunicação e onde se produz a teoria, a pesquisa e a formação universitária das profissões de comunicação”. A autora identifica alguns sub-campos ligados ao campo da Comunicação: o científico, responsável pela produção do conhecimento teórico e aplicado através da pesquisa acadêmica; o educativo, que reproduz esse conhecimento, através do ensino universitário; o profissional, responsável pela aplicação do conhecimento no mercado de trabalho.

A Comunicação no Brasil ainda é uma área em fase de consolidação. É uma

área que abrange muitos objetos, teorias e questões, nem sempre consensos para os pesquisadores da área, como afirma Braga (2004):

[. . .] o campo se encontra em fase de constituição como disciplina acadêmica. Essa fase se caracterizaria, sobretudo, por seu baixo índice de formalização; pela forte dispersão de questões (embora hoje possamos perceber um certo esforço de obtenção de sistematização); pelo fato de que uma boa parte excessiva das contribuições para nosso foco de interesse é gerado no âmbito de outras Ciências Humanas Sociais (CHS), e porque boa parte dos próprios problemas e questões que movem o campo nos é ainda sugerida 'de fora' (às vezes diretamente, às vezes por transferência). (BRAGA, 2004, p. 220).

Conforme o autor, a Comunicação não é uma área tão formalizada quanto outras áreas já consolidadas, como por exemplo, as Ciências Exatas ou da Saúde, em relação aos seus estudos, ou ainda, áreas das próprias Ciências Sociais, como Antropologia ou Sociologia. Outras áreas se utilizam de uma metodologia mais rigorosa para embasar estudos experimentais, em contraponto à preferência dada às discussões teóricas na Comunicação.

Os objetos de estudo da área ainda são dispersos por não haver consenso e nem haver teorias sobre o que é "comunicacional", ou seja, o que pode ser de interesse específico da Comunicação. Poucos temas, como "mídia", são majoritariamente considerados como temas próprios da Comunicação. Conseqüentemente é uma área que ainda não definiu um ângulo próprio para o questionamento da realidade de modo a diferenciar seu ponto de vista de outras Ciências Humanas Sociais como a Antropologia, Lingüística e a Sociologia, ou seja, ainda não trata objetos ou fenômenos comuns a outras áreas de forma a gerar conhecimento próprio apenas da Comunicação (BRAGA, 2004). A Comunicação deve buscar a formalização de objetos e teorias a fim de não se dissipar dentro de outras disciplinas já estabelecidas.



## **4 METODOLOGIA**

Nesta seção, serão descritos os métodos e técnicas utilizados neste estudo.

### **4.1 MODELO DE PESQUISA**

Este estudo se constitui em uma investigação exploratória descritiva de pesquisa empírica. A pesquisa exploratória tem por objetivo familiarizar o pesquisador com o fenômeno estudado através, por exemplo, da descrição quantitativa ou qualitativa, por isso se utiliza tanto de métodos qualitativos como quantitativos (DENCKER; DA VIÁ, 2001).

A pesquisa empírica estuda os fatos produzindo, tratando e analisando dados de forma a proporcionar a elaboração de argumentos concretos sobre o objeto de estudo (DENCKER; DA VIÁ, 2001).

### **4.2 OBJETOS DE ESTUDO**

Os objetos de estudo desta pesquisa são os artigos originais das seguintes revistas: Comunicação e Espaço Público, Comunicação & Sociedade, Contracampo, Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación (doravante EPTIC Online), Galáxia, Revista FAMECOS, Revista Fronteiras, INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (doravante RBCC) e Significação.

<b>Título</b>	<b>Instituição publicadora</b>	<b>Periodicidade</b>	<b>Formato</b>	<b>ISSN</b>
Comunicação e Espaço Público	Universidade de Brasília	Semestral	Impresso e eletrônico	1518-6946
Comunicação & Sociedade	Universidade Metodista de São Paulo	Semestral	Impresso	0101-2657
Contracampo	Universidade Federal Fluminense	Semestral	Impresso e eletrônico	1414-7483
Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación (EPTIC Online)	Universidade Federal de Sergipe	Quadrimestral	Eletrônico	1518-2487
Galáxia	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	semestral	Impresso	1519-311X
Revista FAMECOS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Quadrimestral	Impresso e eletrônico	1415-0549
Revista Fronteiras	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Semestral	Impresso	1518-6113
INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	Semestral	Impresso e eletrônico	1809-5844
Significação	Universidade Tuiuti do Paraná	Semestral	Impresso	1516-4330

**Quadro 1 – Dados sobre os títulos de periódicos analisados**

Fonte: Stumpf (2006).

### 4.3 AMOSTRA

A análise foi realizada em artigos de nove títulos de revistas brasileiras da área de Comunicação, classificadas com conceito A Nacional pelo Qualis da CAPES. Foram analisados os artigos em português, deixando-se à parte resenhas, entrevistas e dossiês. A análise se restringiu à estrutura dos artigos.

O estudo abrangeu aproximadamente 50% do número total de artigos publicados em revistas científicas brasileiras da área da Comunicação publicadas no ano de 2004. Foram encontrados 98 artigos enquadrados nos critérios anteriormente

definidos, e destes, foram sorteados 53 artigos, já que quando o total de artigos de um fascículo era ímpar, arredondou-se o número para cima (e.g. cinco artigos no total, dividido por dois resulta em 2,5, que foi arredondado para três).

**Tabela 1 – Nº. total de artigos e nº. de artigos sorteados por revista**

<b>Título</b>	<b>Total de artigos enquadrados nos critérios</b>	<b>Nº. artigos sorteados</b>
Comunicação & Espaço Público	11	6
Comunicação & Sociedade	5	3
Contracampo	8	4
EPTIC Online	6	4
FAMECOS	22	11
Fronteiras	16	9
Galáxia	7	4
INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	8	4
Significação	15	8
<b>Total</b>	<b>98</b>	<b>53</b>

#### 4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS

A coleta de dados foi feita através da observação sistemática, que tem por objetivo levantar e definir aspectos significativos para os objetivos da pesquisa e elaborar um plano específico antes da coleta de dados para realizar e registrar as informações (DENCKER; DA VIÁ, 2001).

O instrumento de coleta de dados é um formulário (Apêndice B) com quatro páginas, contendo todos os elementos recomendados para a estruturação de artigos científicos por obras de metodologia do trabalho científico.

Os elementos constituintes dos artigos observados foram:

- a) o título: analisou-se se os títulos eram claros, objetivos, e se representavam bem o conteúdo do artigo (MARTINS; CAMPOS, 2000; FRANÇA et al., 2004);
- b) o resumo: avaliou-se se eram auto-explicativos e se permitiam compreender o trabalho como um todo (MARTINS; CAMPOS, 2000);

- c) a introdução: avaliou-se se expunham brevemente o tema de maneira geral, se apresentavam objetivos, revisão de literatura ou referencial teórico, e se apresentavam estudos relacionados (FRANÇA et al., 2004);
- d) os métodos: analisou-se se os artigos descreviam os métodos e técnicas de investigação da pesquisa (FRANÇA et al., 2004);
- e) os resultados: analisou-se se estes se apresentavam detalhadamente, se apresentavam ilustrações de forma a simplificar seu entendimento (FRANÇA et al., 2004), e se os relacionavam com o referencial teórico (MARTINS; CAMPOS, 2000; LAKATOS; MARCONI, 1992);
- f) a discussão e conclusões: analisou-se se estavam embasadas no desenvolvimento do artigo, se se relacionavam com teorias e se apresentavam sugestões de outros estudos (LAKATOS; MARCONI, 1992);
- g) os elementos pós-textuais (se apresenta bibliografia, apêndices e notas explicativas);
- h) observações quanto à clareza, objetividade e coerência da linguagem: quanto à objetividade da linguagem, observou-se se os assuntos foram tratados de forma simples e direta, cujo desenvolvimento das idéias não foi desviado com considerações irrelevantes e informações não científicas, ou seja, opinião ou especulação (UNIVERSIDADE..., 1996); quanto à clareza da linguagem, observou-se se o texto foi escrito sem palavras ambíguas, de forma a facilitar a leitura (UNIVERSIDADE..., 1996); quanto à coerência, observou-se se o texto encadeava lógica e sequencialmente as idéias, de forma a não se contradizer (UNIVERSIDADE..., 1996).

Foram utilizados os seguintes autores para elaboração do formulário: Lakatos e Marconi (1992), Universidade Federal do Paraná (1996), Martins e Campos (2000) e França *et al.* (2004). Os critérios para seleção de obras utilizadas para a elaboração do formulário foram:

- a) as obras deveriam constar no acervo bibliográfico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para que outros estudos semelhantes ou complementares estivessem ao alcance dos alunos desta universidade;
- b) os autores deveriam ser nacionais, para que pudéssemos contemplar o padrão nacional de estruturação de artigos científicos (caso apresentasse alguma diferença em relação ao padrão estrangeiro);

- c) vários autores deveriam ser utilizados para se verificar o consenso em relação ao padrão de estruturação de artigos científicos (o que pode ser verificado nos autores selecionados – independentemente da atualidade da obra – já que os autores apresentavam as mesmas recomendações em relação à estruturação de artigos).

#### 4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Foram retirados na Biblioteca Setorial de Biblioteconomia e Comunicação os títulos de periódicos de 2004 previamente selecionados da lista Qualis da CAPES. O sumário da revista EPTIC Online (exclusivamente em formato eletrônico) foi impresso. Os sumários dos fascículos foram examinados para a seleção da amostra, excluindo os artigos em língua estrangeira. A cada artigo do sumário foi atribuído um número, por ordem de aparecimento. Posteriormente, foram sorteados os números dos artigos que comporiam a amostra.

Após o sorteio dos artigos, foi realizado o registro de dados como título da revista, volume, número, título e autor do artigo, e número de página inicial e final do artigo nos formulários. Foi registrada no formulário a presença ou não de elementos da estrutura tradicional de artigos e anotadas características destes elementos. Por exemplo, sobre a representatividade do título em relação ao conteúdo do artigo, assinalou-se se é representativo ou não, e como características, anotou-se se o representa parcial ou completamente.

#### 4.5 TRATAMENTO DOS DADOS

Foi elaborada uma planilha de dados em Microsoft Excel 2003 para a quantificação dos dados (dispostos em linha, na horizontal) por título de periódico (dispostos em coluna, na vertical). Para a organização dos dados qualitativos foi elaborado um quadro em Microsoft Word 2003 para cada elemento analisado dos quais puderam ser extraídas observações relevantes.

Os resultados de cada elemento analisado da estrutura do artigo foram agrupados e analisados quantitativamente (resultados mais freqüentes) e qualitativamente (características encontradas e trechos dos artigos que exemplificam

estas características) de forma a propiciar a descrição da estrutura encontrada nos artigos.

## 5 RESULTADOS

Nesta seção, os resultados coletados serão descritos de acordo com a ordem em que cada item se apresenta no formulário de coleta de dados.

### 5.1 TÍTULO

Quanto à representatividade dos títulos, analisou-se se os títulos eram claros, objetivos, e se representavam bem o conteúdo do artigo (MARTINS; CAMPOS, 2000; FRANÇA *et al.*, 2004).

**Tabela 2 – Representatividade dos títulos (em percentual)**

Titulos	Sim	Não
Com. Esp. Púb. (n=6)	100	0
Com. & Soc. (n=3)	100	0
Contracampo (n=4)	100	0
EPTIC (n=4)	100	0
FAMECOS (n=11)	100	0
Fronteiras (n=9)	100	0
Galáxia (n=4)	75	25
RBCC (n=4)	50	50
Significação (n=8)	87,5	12,5
Total (n=53)	92,5	7,5

Em relação à representatividade do título, 92,5% do total de artigos tinham um título representativo. Nas revistas Comunicação e Espaço Público, Comunicação & Sociedade, Contracampo, EPTIC Online, Revista FAMECOS e Revista Fronteiras, 100% dos artigos tinham um título representativo. Na revista Galáxia, 75% dos artigos tinham um título representativo. Na INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC), 50% dos artigos tinham um título representativo. E na revista Significação, 87,5% dos artigos tinham um título representativo.

Como exemplo de título que é bem representativo em relação ao conteúdo do artigo, observamos o artigo “O Fascínio da simulação da vida: por que as crianças jogam (e gostam) do game The Sims”. Através do título, é possível captar exatamente o tema abordado (jogos eletrônicos), os aspectos (fascínio das crianças pelo tipo de jogo) e o objeto de estudo (jogo The Sims).

Como exemplo de título que é representativo em relação ao conteúdo do artigo, mas deixa de contemplar sob quais aspectos o tema será tratado,

observamos o título “O poder da comunicação e o jogo das parcerias na cibercultura”. O título poderia ter mencionado o paradoxo “poder de informação” *versus* “potência de comunicação”, que é tratado no artigo.

Como exemplo de título que não é representativo em relação ao conteúdo do artigo, observamos o artigo “Referentes clonados ou corpos ambigüamente habitados” do qual não se pode captar que o artigo tratará da ambigüidade do texto-colagem *Las Meninas*, de Valêncio Xavier e Rones Dumke.

## 5.2 RESUMO

Quanto aos resumos, avaliou-se se eram auto-explicativos e se permitiam compreender o trabalho como um todo (MARTINS; CAMPOS, 2000).

**Tabela 3 – Plenitude dos resumos (em percentual)**

Titulos	Sim	Não
Com. Esp. Púb. (n=6)	100	0
Com. & Soc. (n=3)	100	0
Contracampo (n=4)	75	25
EPTIC (n=4)	0	100
FAMECOS (n=11)	91	9
Fronteiras (n=9)	100	0
Galáxia (n=4)	100	0
RBCC (n=4)	75	25
Significação (n=8)	100	0
<b>Total (n=53)</b>	<b>87</b>	<b>13</b>

Em relação ao resumo, 87% do total de artigos apresentaram um resumo que permitia a compreensão global do tema abordado. Nas revistas Comunicação e Espaço Público, Comunicação & Sociedade, Revistas Fronteiras, Galáxia e Significação, 100% dos artigos de cada revista apresentaram resumos que permitiam a compreensão global do tema abordado. Nas revistas Contracampo e RBCC, 75% dos artigos apresentaram resumos que permitiam a compreensão global do tema. Na Revista FAMECOS, 91% dos artigos apresentaram resumos que permitiam a compreensão global do tema.

Como exemplo de resumo dentre os mais completos (que contemplam o objetivo, aspectos do tema, resultados e conclusões), observamos o artigo “O boné do MST na cabeça presidencial: uma leitura semiótica”:



Por que o ato de o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva usar o boné do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – em reunião com os seus integrantes, em julho de 2003, teve tanta repercussão na mídia? **Seguindo a perspectiva** da semiótica triádica de Peirce, **este artigo analisa** o efeito semiótico do signo, **tendo como material empírico** notícias, comentários e editoriais da imprensa brasileira. **O trabalho mostra** que a geração de tantos efeitos de sentido se deve a sua dimensão icônico-indicial inserida na dimensão simbólica, pois o julgamento do comportamento do presidente se deve mais ao sentido geral que o ato conferiu ao MST, de reconhecimento deste como interlocutor ou ator legítimo. Como normalmente aparece na imprensa como “marginal”, a cordialidade do governo contrastou com esse significado habitual, dando-lhe um novo sentido. [Grifo nosso].

### 5.3 INTRODUÇÃO

Quanto à introdução dos artigos, avaliou-se se expunham brevemente o tema de maneira geral, se apresentavam objetivos, revisão de literatura ou referencial teórico, e se apresentavam estudos relacionados (FRANÇA *et al.*, 2004).

**Tabela 4 – Apresentação da temática e objetivos (em percentual)**

Elementos	Apresenta temática		Objetivo/problema/hipótese	
	Sim	Não	Sim	Não
Titulos				
Com. Esp. Púb. (n=6)	100	0	100	0
Com. & Soc. (n=3)	100	0	33	67
Contracampo (n=4)	100	0	50	50
EPTIC (n=4)	100	0	25	75
FAMECOS (n=11)	91	9	36,4	63,6
Fronteiras (n=9)	67	33	55,6	44,4
Galáxia (n=4)	100	0	75	25
RBCC (n=4)	50	50	50	50
Significação (n=8)	100	0	62,5	37,5
Total (n=53)	89	11	55	45

**Tabela 5 – Apresentação do referencial teórico e estudos relacionados (em percentual)**

Elementos	Referencial teórico		Estudos relacionados	
	Sim	Não	Sim	Não
Titulos				
Com. Esp. Púb. (n=6)	83	17	83	17
Com. & Soc. (n=3)	67	33	67	33
Contracampo (n=4)	75	25	75	25
EPTIC (n=4)	100	0	100	0
FAMECOS (n=11)	91	9	91	9
Fronteiras (n=9)	100	0	100	0
Galáxia (n=4)	100	0	100	0
RBCC (n=4)	75	25	75	25
Significação (n=8)	87,5	12,5	87,5	12,5
Total (n=53)	89	11	89	11

Em relação à introdução do artigo, 89% do total de artigos apresentaram o tema sob aspectos como natureza, contexto e importância, e 55% do total de artigos apresentaram o objetivo, problema, hipótese ou questão tratada pelo artigo. Nas revistas Comunicação e Espaço Público, Comunicação & Sociedade, Contracampo, EPTIC Online, Galáxia e Significação, 100% dos artigos de cada uma apresentaram o tema. Na Revista FAMECOS, 91% dos artigos apresentaram o tema. Na Revista Fronteiras, 67% dos artigos apresentaram o tema. E na RBCC, 50% dos artigos apresentaram o tema. Na revista Comunicação e Espaço Público, 100% dos artigos apresentaram o objetivo, problema, hipótese ou questão tratada. Nas revistas Contracampo e RBCC, 50% dos artigos apresentaram o objetivo, problema, hipótese ou questão tratada. Na revista Comunicação & Sociedade, 33% dos artigos apresentaram o objetivo, problema, hipótese ou questão tratada. Na revista EPTIC Online, 25% dos artigos apresentaram o objetivo, problema, hipótese ou questão tratada. Na Revista FAMECOS, 36,4% dos artigos apresentaram o objetivo, problema, hipótese ou questão tratada. Na Revista Fronteiras, 55,6% dos artigos apresentaram o objetivo, problema, hipótese ou questão tratada. Na revista Galáxia, 75% dos artigos apresentaram o objetivo, problema, hipótese ou questão tratada. E na revista Significação, 62,5% dos artigos apresentaram o objetivo, problema, hipótese ou questão tratada.

Em relação à conexão do artigo com o conhecimento já produzido sobre o assunto, 89% do total de artigos apresentaram o referencial teórico ou autores que embasaram o artigo, e 89% apresentaram outros estudos relacionados ao assunto. Nas revistas EPTIC Online, Revista Fronteiras e Galáxia, 100% dos artigos de cada uma apresentaram o referencial teórico ou autores que embasaram o artigo. Nas revistas Contracampo e RBCC, 75% dos artigos apresentaram o referencial teórico ou autores que os embasaram. Na revista Comunicação e Espaço Público, 83% dos artigos apresentaram o referencial teórico ou autores que os embasaram. Na revista Comunicação & Sociedade, 67% dos artigos apresentaram o referencial teórico ou autores que os embasaram. Na Revista FAMECOS, 91% dos artigos apresentaram o referencial teórico ou autores que os embasaram. E na revista Significação, 87,5% dos artigos apresentaram o referencial teórico ou autores que os embasaram. Nas revistas EPTIC Online, Revista Fronteiras e Galáxia, 100% dos artigos de cada uma apresentaram outros estudos relacionados ao assunto. Nas revistas Contracampo e RBCC, 75% dos artigos apresentaram outros estudos relacionados ao assunto. Na

revista Comunicação e Espaço Público, 83% dos artigos apresentaram outros estudos relacionados ao assunto. Na revista Comunicação & Sociedade, 67% dos artigos apresentaram outros estudos relacionados ao assunto. Na Revista FAMECOS, 91% dos artigos apresentaram outros estudos relacionados ao assunto. Na revista Significação, 87,5% dos artigos apresentaram outros estudos relacionados ao assunto.

Como exemplo de artigo que na sua introdução apresenta o tema sob aspectos como natureza, importância e contexto, observamos o artigo “Gamearte: uma poética de interação.”:

Estamos entrando no quadragésimo ano da história dos games eletrônicos e não há dúvida que eles provocaram **um impacto importante na cultura visual contemporânea**. O game eletrônico envolve a criatividade e a imaginação de designers, programadores, artistas, músicos e cineastas. Os jogos **têm sido uma parte da cultura humana** e os artistas muitas vezes criam jogos para ir além do simples entretenimento, tentando propor mudanças nas nossas percepções. [. . .] **Na análise dessa produção cultural** verifica-se que ela está intimamente ligada à **evolução tecnológica da computação** [. . .]. [Grifo nosso].

Como exemplo de artigos que na sua introdução apresentam objetivo e hipótese, observamos os artigos “Cidadania interativa, comunidade e sociedade: uma análise com prelúdio e três atos” e “Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura”. “O **objetivo deste artigo** é descrever e analisar as principais transformações pelas quais passam o espaço urbano na atual cibercultura.”

Mais precisamente, **nossa hipótese** é de que o processo de manipulação (manuseio) e de produção de conteúdos para diversas mídias – como pode ser verificado em vários projetos em todo o Brasil – por parte de segmentos sociais marginalizados pode contribuir para que tais setores passem a exercer uma modalidade de cidadania cada vez mais importante, cuja denominação sugerida por nós é *cidadania interativa*. [Grifo nosso].

Como exemplo de artigo que apresenta o referencial teórico ou autores que embasaram o artigo, observamos “A construção de mundos em fotografias de representações: supressão e ambigüidade em Robert Doisneau” (grifo nosso). “**Susan Sontag já dizia** que um dos sucessos mais permanentes da fotografia foi a estratégia de transformar seres vivos em coisas e coisas em seres vivos (Sontag, 1981, p.92)”.

Como exemplo de artigo que apresentara outros estudos ou obras relacionadas ao assunto, observamos o “Gamearte: uma poética de interação.”

O videogame passou a ser conhecido como o primeiro game desenvolvido para adultos. Segundo Steve Johnson (2002: 157), *Myst* é fundamentalmente uma experiência 3D, mais próxima de um produto artístico do que do entretenimento, que provoca uma sensação no jogador de hipnose, de estranheza e de desorientação. [Grifo nosso].

## 5.4 MÉTODOS

Quanto à metodologia, analisou-se se os artigos descreviam os métodos e técnicas de investigação da pesquisa (FRANÇA *et al.*, 2004).

**Tabela 6 – Apresentação da metodologia (em percentual)**

Titulos	Sim	Não
Com. Esp. Púb. (n=6)	17	83
Com. & Soc. (n=3)	0	100
Contracampo (n=4)	0	100
EPTIC (n=4)	0	100
FAMECOS (n=11)	18	82
Fronteiras (n=9)	33	67
Galáxia (n=4)	0	100
RBCC (n=4)	0	100
Significação (n=8)	0	100
<b>Total (n=53)</b>	<b>11</b>	<b>89</b>

Em relação à metodologia, 89% dos artigos não apresentam a metodologia utilizada no estudo de forma a propiciar a reprodução da pesquisa. Nas revistas Comunicação & Sociedade, Contracampo, EPTIC Online, Galáxia, RBCC e Significação, nenhum dos artigos apresenta a metodologia utilizada no estudo de forma a propiciar a reprodução da pesquisa. Na revista Comunicação e Espaço Público, 17% dos artigos apresentam a metodologia utilizada no estudo de forma a propiciar a reprodução da pesquisa. Na Revista FAMECOS, 18% dos artigos apresentam a metodologia utilizada no estudo de forma a propiciar a reprodução da pesquisa. Na Revista Fronteiras, 33% dos artigos apresentam a metodologia utilizada no estudo de forma a propiciar a reprodução da pesquisa.

Como exemplo de artigo que apresenta a metodologia utilizada no estudo de forma a propiciar a reprodução da pesquisa, observamos “O boné do MST na cabeça presidencial: uma leitura semiótica” que apresenta a amostra selecionada, e os procedimentos de análise.

Este artigo **se baseia** no comentário de Franklin Martins, do Jornal Nacional (TV Globo) que foi ao ar no dia 03 de julho, **nos textos publicados** pela Folha Online e nos editoriais das quatro revistas semanais e suas respectivas matérias: Veja, Época, IstoÉ e CartaCapital. A título de ilustração da força do signo, a Folha Online publicou, no período de 02 de julho a 22 de novembro de 2003, 43 textos que se referiram direta ou indiretamente ao ato de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva botar o boné do MST. Para analisar o signo em questão, **realizei** uma primeira leitura dos materiais para identificar os interpretantes dinâmicos. Esse termo se refere aos efeitos de sentido produzidos no intérprete pelo signo, que podem ser divididos em: emocional, quando produz uma qualidade de sentimento; energético, decorrente da ação física ou psíquica, um embate entre o signo e a mente; e lógico, que diz respeito a uma regra de interpretação (Santaella, 1992, p. 196-197). [ . . . ] Posteriormente, **procedi** a uma interpretação mais minuciosa **na busca de respostas** para as seguintes perguntas: por que esse signo gerou tantos interpretantes? Por que foi tão explorado na/pela mídia e considerado tão espetacular? Por que gerou esses efeitos de sentido? Como estas perguntas, trilhei um caminho que me possibilitasse perseguir o processo de semiose de forma apurada, na tentativa de ler além das aparências. Assim, a identificação dos interpretantes dinâmicos serviu como portas para acessar a ação do signo. [Grifo nosso].

## 5.5 RESULTADOS

Quanto aos resultados, analisou-se se estes se apresentavam detalhadamente, se apresentavam ilustrações de forma a simplificar seu entendimento (FRANÇA *et al.*, 2004), e se os relacionavam com o referencial teórico (MARTINS; CAMPOS, 2000; LAKATOS; MARCONI, 1992).

**Tabela 7 – Apresentação e análise dos resultados (em percentual)**

Elementos	Apresentação dos resultados		Análise dos resultados	
	Sim	Não	Sim	Não
<b>Titulos</b>				
<b>Com. Esp. Púb. (n=6)</b>	100	0	100	0
<b>Com. &amp; Soc. (n=3)</b>	33	67	33	67
<b>Contracampo (n=4)</b>	50	50	50	50
<b>EPTIC (n=4)</b>	25	75	25	75
<b>FAMECOS (n=11)</b>	36	64	36	64
<b>Fronteiras (n=9)</b>	56	44	56	44
<b>Galáxia (n=4)</b>	75	25	75	25
<b>RBCC (n=4)</b>	50	50	50	50
<b>Significação (n=8)</b>	62,5	37,5	62,5	37,5
<b>Total (n=53)</b>	<b>55</b>	<b>45</b>	<b>55</b>	<b>45</b>

**Tabela 8 – Relacionamento com outros estudos e apresentação de ilustrações (em percentual)**

Elementos	Relacionamento com outros estudos		Apresentação de tabelas, gráficos, etc.	
	Sim	Não	Sim	Não
<b>Com. Esp. Púb. (n=6)</b>	50	50	50	50
<b>Com. &amp; Soc. (n=3)</b>	0	100	0	100
<b>Contracampo (n=4)</b>	0	100	0	100
<b>EPTIC (n=4)</b>	25	75	25	75
<b>FAMECOS (n=11)</b>	0	100	0	100
<b>Fronteiras (n=9)</b>	0	100	11	89
<b>Galáxia (n=4)</b>	50	50	0	100
<b>RBCC (n=4)</b>	25	75	50	50
<b>Significação (n=8)</b>	25	75	25	75
<b>Total (n=53)</b>	<b>17</b>	<b>83</b>	<b>17</b>	<b>83</b>

Em Relação aos resultados, 55% dos artigos apresentaram resultados, ou seja, resposta ou reflexão ao objetivo, problema, hipótese ou questão apresentada na introdução do artigo. Os mesmos 55% dos artigos apresentaram análise ou reflexão sobre os resultados apresentados. Dentre os artigos, 83% deles não relacionaram os resultados encontrados com outros estudos ou com o conhecimento já produzido a respeito do tema. Os mesmos 83% não apresentaram informações sob forma de tabelas, gráficos, quadros, esquemas ou ilustrações.

Na revista Comunicação e Espaço Público, 100% dos artigos apresentaram resultados, ou seja, resposta ou reflexão ao objetivo, problema, hipótese ou questão apresentada na introdução do artigo, e ainda, os analisaram. Na revista Comunicação & Sociedade, 33% dos artigos apresentaram resultados e os analisaram. Nas revistas Contracampo e RBCC, 50% dos artigos de cada uma apresentaram resultados e os analisaram. Na revista EPTIC Online, este percentual foi de 25%. Na Revista FAMECOS, de 36%. Na Revista Fronteiras, 56%, na revista Galáxia, 75%, e na revista Significação, 62,5%. Nas revistas Comunicação & Sociedade, Contracampo, Revista FAMECOS e Revista Fronteiras, nenhum dos artigos relacionaram os resultados encontrados com outros estudos ou com o conhecimento já produzido a respeito do tema. Nas revistas Comunicação e Espaço Público e Galáxia, 50% dos artigos de cada uma relacionaram os resultados encontrados com outros estudos. Nas revistas EPTIC Online, RBCC e Significação, 25% dos artigos de cada uma relacionaram os resultados encontrados com outros estudos.

Nas revistas Comunicação e Espaço Público e RBCC, 50% dos artigos de cada uma apresentaram informações sob forma de tabelas, gráficos, quadros,

esquemas ou ilustrações. Nas revistas EPTIC Online e Significação, 25% dos artigos apresentaram tabelas, gráficos, etc. Na Revista Fronteiras, 11% dos artigos apresentaram tabelas, gráficos, etc. Nas revistas Comunicação & Sociedade, Contracampo, Revista FAMECOS, e Galáxia, nenhum dos artigos apresentou tabelas, gráficos, etc.

Como exemplo de artigo que apresentou resultados, observamos “O fascínio da simulação da vida: por que as crianças jogam (e gostam) do game The Sims”.

A primeira etapa da pesquisa sobre a comunidade virtual The Sims foi realizada através de um questionário para levantar o perfil do usuário do jogo publicado e divulgado no fórum TSB e em alguns grupos de discussão em maio de 2001 e obteve a participação de 67 pessoas. As **respostas** revelaram diversos hábitos e preferências dos jogadores. O tipo de jogo preferido da maioria foi a simulação, seguido por estratégia. Em relação ao período em que costumam jogar, os **resultados** foram bem dispersos, sem a indicação de uma preferência por finais de semana ou dias comuns da semana. A maioria costuma jogar o game sozinha, mas foi observado um leve acréscimo na preferência em jogar com amigos. [Grifo nosso].

Como exemplo de artigo que apresentou análise ou reflexão sobre os resultados apresentados, observamos “A religião teleterapeutizante: discursividades dos templos midiáticos”.

Texto 7 - Proclamando cura do dedo dos pés

*Na missa do clube do ouvinte da semana passada, o padre proclamou uma cura, de uma pessoa que não tinha o movimento dos dedos dos pés. Assumi a cura e estou curada, Maria Aparecida, de Luziana, no Paraná. É assim que Deus quer se manifestar no meio de nós.*

No texto 7, através da forma do discurso indireto, o próprio testemunhante anuncia o papel da instância terapeutizante que é a do sacerdote, ao atribuir-lhe a cura dos seus males.

Como exemplo de artigo que relacionou os resultados encontrados com outros estudos, observamos “Teoria das representações sociais: pertinência para as pesquisas em comunicação de massa”.

Confirmando esta tendência **encontramos a posição do psicólogo social Michel-Louis Rouquette, um dos principais pesquisadores sobre representações sociais e comunicação de massa.** Rouquette observou que normalmente os dois temas envolvem as seguintes questões (1996: 223): Como e quanto os meios de comunicação de massa influenciam as representações sociais e como e quanto os meios de comunicação de massa refletem as representações sociais? [Grifo nosso].

## 5.6 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Quanto às considerações finais, analisou-se se estavam embasadas no desenvolvimento do artigo, se se relacionavam com teorias e se apresentavam sugestões de outros estudos (LAKATOS; MARCONI, 1992).

**Tabela 9 – Apresentação de conclusões, relações com teorias e sugestões de outros estudos (em percentual)**

Elementos	Apresentação de conclusões		Relações com teorias		Sugestão de outros estudos	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
<b>Titulos</b>						
<b>Com. Esp. Púb. (n=6)</b>	100	0	0	100	0	100
<b>Com. &amp; Soc. (n=3)</b>	100	0	0	100	0	100
<b>Contracampo (n=4)</b>	50	50	50	50	0	100
<b>EPTIC (n=4)</b>	100	0	25	75	0	100
<b>FAMECOS (n=11)</b>	91	9	0	100	9	91
<b>Fronteiras (n=9)</b>	100	0	22	78	0	100
<b>Galáxia (n=4)</b>	75	25	0	100	0	100
<b>RBCC (n=4)</b>	75	25	25	75	0	100
<b>Significação (n=8)</b>	87,5	12,5	12,5	87,5	0	100
<b>Total (n=53)</b>	<b>89</b>	<b>11</b>	<b>13</b>	<b>87</b>	<b>2</b>	<b>98</b>

Em relação às considerações finais, 89% dos artigos apresentaram conclusões, reflexões ou deduções fundamentadas no texto. Dentre os artigos, 87% deles não estabeleceram relações de corroboração, modificação ou refutação das teorias, e 98% deles não apresentaram sugestões ou recomendações para realização de outros estudos sobre o tema. Nas revistas Comunicação e Espaço Público, Comunicação & Sociedade, EPTIC Online e Revista Fronteiras, 100% dos artigos de cada uma apresentaram conclusões, reflexões ou deduções fundamentadas no texto. Nas revistas Galáxia e RBCC, 75% dos artigos apresentaram conclusões. Na revista Contracampo, 50% dos artigos apresentaram conclusões. Na Revista FAMECOS, 91% dos artigos apresentaram conclusões. Na revista Significação, 87,5% dos artigos apresentaram conclusões.

Nas revistas EPTIC Online e RBCC, 25% dos artigos de cada uma estabeleceram relações de corroboração, modificação ou refutação das teorias. Na revista Contracampo, 50% dos artigos estabeleceram relações com teorias. Na Revista Fronteiras, 22% dos artigos estabeleceram relações com teorias. Na revista Significação, 12,5% dos artigos estabeleceram relações com teorias. Nas revistas



Comunicação e Espaço Público, Comunicação & Sociedade, Revista FAMECOS e Galáxia, nenhum dos artigos estabeleceram relações com teorias.

Dentre todas as revistas, apenas a Revista FAMECOS teve artigos (9% dos artigos) que apresentaram sugestões ou recomendações para realização de outros estudos sobre o tema abordado.

Como exemplo de artigo que apresentou conclusões, reflexões ou deduções fundamentadas no texto, observamos “Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura”:

Para **concluir** podemos dizer que a cidade-ciborgue instaura algumas transformações fundamentais no espaço e nas práticas urbanas. O aumento da telemediação na vida urbana é um fator fundamental e crucial assim como as relações sociais formam a cidade e o desenvolvimento urbano e estão, agora, relacionados ao significado das novas tecnologias de informação e comunicação. [Grifo nosso].

Como exemplo de artigo que estabeleceu relações com teorias de modo a corroborá-las, observamos “Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação”.

#### Conclusão

Isto seria, então, observar a complexidade dos fenômenos de interface e a diversidade de aportes teórico-conceituais (interdisciplinaridade) não para justificar a dispersão e sim para, efetivamente, contribuir para a construção do Campo da Comunicação. Este trabalho **corresponderia também à referida discussão crítica proposta por Karl Popper** (2001, p. 30), como “tentativa de eliminação” a ser correlacionada à “formação de tentativas de teoria”. Somente na medida em que tal processo permita ao campo uma geração de novos problemas, de maior acuidade e pertinência, é que a perspectiva preferida de construção do objeto se demonstrará viável e efetiva. [Grifo nosso].

Como exemplo de artigo que apresentou sugestões ou recomendações para realização de outros estudos sobre o tema, observamos “O fascínio da simulação da vida: por que as crianças jogam (e gostam) do game The Sims”:

**Outra sugestão é estudar** os outros tipos de games de simulação, demarcando o universo de suas possibilidades e analisando de que forma o mundo real foi transcrito para o jogo. Com isso, pode-se fazer um comparativo entre os diversos games, observando como os criadores focaram os aspectos da realidade em cada um deles. [Grifo nosso].

## 5.7 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

**Tabela 10 – Apresentação de elementos pós-textuais (em percentual)**

Elementos	Bibliografia		Apêndices		Notas explicativas	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
<b>Titulos</b>						
<b>Com. Esp. Púb. (n=6)</b>	100	0	0	100	83	17
<b>Com. &amp; Soc. (n=3)</b>	67	33	0	100	33	67
<b>Contracampo (n=4)</b>	100	0	0	100	100	0
<b>EPTIC (n=4)</b>	100	0	0	100	75	25
<b>FAMECOS (n=11)</b>	91	9	0	100	54,5	45,5
<b>Fronteiras (n=9)</b>	100	0	0	100	67	33
<b>Galáxia (n=4)</b>	100	0	0	100	75	25
<b>RBCC (n=4)</b>	75	25	0	100	75	25
<b>Significação (n=8)</b>	87,5	12,5	0	100	75	25
<b>Total (n=53)</b>	<b>92</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>100</b>	<b>70</b>	<b>30</b>

Em relação aos elementos pós-textuais dos artigos, 92% deles apresentaram bibliografia ou referências, 100% não apresentaram apêndices ou anexos, e 70% apresentaram notas explicativas. Nas revistas Comunicação e Espaço Público, Contracampo, EPTIC Online, Revista Fronteiras e Galáxia, 100% dos artigos de cada uma apresentaram bibliografia ou referências. Na revista Comunicação & Sociedade, 67% dos artigos apresentaram bibliografia. Na Revista FAMECOS, 91% dos artigos apresentaram bibliografia. Na RBCC, 75% dos artigos apresentaram bibliografia. E na revista Significação, 87,5% dos artigos apresentaram bibliografia. Na revista Contracampo, 100% dos artigos apresentaram notas explicativas. Nas revistas EPTIC Online, Galáxia, RBCC e Significação, 75% dos artigos apresentaram notas explicativas. Na revista Comunicação e Espaço Público, 83% dos artigos apresentaram notas explicativas. Na revista Comunicação & Sociedade, 33% dos artigos apresentaram notas explicativas. Na Revista FAMECOS, 54,5% dos artigos apresentaram notas explicativas. Na Revista Fronteiras, 67% dos artigos apresentaram notas explicativas.

## 5.8 LINGUAGEM

Quanto à objetividade da linguagem, observou-se se os assuntos foram tratados de forma simples e direta, cujo desenvolvimento das idéias não foi desviado com considerações irrelevantes e informações não científicas, ou seja, opinião ou especulação (UNIVERSIDADE..., 1996). Quanto à clareza da linguagem, observou-

se se o texto foi escrito sem palavras ambíguas, de forma a facilitar a leitura (UNIVERSIDADE..., 1996). Quanto à coerência, observou-se se o texto encadeava lógica e sequencialmente as idéias, de forma a não se contradizer (UNIVERSIDADE..., 1996).

**Tabela 11 – Linguagem (em percentual)**

Elementos	Clareza		Objetividade		Coerência	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
<b>Titulos</b>						
<b>Com. Esp. Púb. (n=6)</b>	100	0	100	0	100	0
<b>Com. &amp; Soc. (n=3)</b>	100	0	100	0	100	0
<b>Contracampo (n=4)</b>	100	0	100	0	100	0
<b>EPTIC (n=4)</b>	100	0	100	0	100	0
<b>FAMECOS (n=11)</b>	82	18	82	18	100	0
<b>Fronteiras (n=9)</b>	100	0	78	22	100	0
<b>Galáxia (n=4)</b>	100	0	100	0	75	25
<b>RBCC (n=4)</b>	100	0	75	25	75	25
<b>Significação (n=8)</b>	100	0	88	12,5	100	0
<b>Total (n=53)</b>	<b>96</b>	<b>4</b>	<b>89</b>	<b>11</b>	<b>96</b>	<b>4</b>

Em relação à linguagem utilizada no artigo, 96% utilizaram linguagem clara, 89% utilizaram linguagem objetiva, e 96% utilizaram linguagem coerente. Na Revista FAMECOS, 82% dos artigos utilizaram linguagem clara. Nas demais revistas, todos os artigos utilizaram linguagem clara. Nas revistas Comunicação e Espaço Público, Comunicação & Sociedade, Contracampo, EPTIC Online e Galáxia, 100% dos artigos de cada uma utilizaram linguagem objetiva. Na Revista FAMECOS, 82% dos artigos utilizaram linguagem objetiva. Na Revista Fronteiras, 78% dos artigos utilizaram linguagem objetiva. Na RBCC, 75% dos artigos utilizaram linguagem objetiva. E na revista Significação, 88% dos artigos utilizaram linguagem objetiva.

Nas revistas Galáxia e RBCC, 75% dos artigos de cada uma utilizaram linguagem clara. Nas demais revistas, todos os artigos utilizaram linguagem clara.

Como exemplo de artigo que utilizou linguagem clara, objetiva e coerente, observamos “O trabalho na trama das redes: para uma crítica do capitalismo cognitivo”.

Quero dizer com isso simplesmente que é correto falar em revolução tecnológica quando uma inovação radical é produzida alterando rapidamente o paradigma técnico anterior e criando um ciclo contínuo de novas inovações e aperfeiçoamentos de processos e de produtos (KATZ, 1995).

Como exemplo de artigo que utilizou linguagem coerente, mas nem sempre clara e objetiva, observamos “O retorno do mito: introdução à mitodologia. Mitos e sociedades”.

Um certo «exotismo» acompanha sempre o vôo das imagens longe da percepção autóctone! Hoje pululam as seitas exóticas em Paris: budistas de Montparnasse ou sufis de Ménilmontant. Eu não duvido que haja seguidores de Krishna a Alfama e em volta do Rossio! Gostaria de mencionar especialmente esta seita realmente nova que constitui o New Age, cuja grande sacerdotisa é a jornalista Marilyn Ferguson. O New Age é um *patchwork* caricatural do que direi aqui da nossa modernidade. Ele não tem nenhum valor heurístico, mas ele é um bom exemplo de uma construção desesperada do que é «de fora» – que nos New Agers é um «logo»: *joachimisme* não morto! – contra as angústias “segregadas” pelo *hic e nunc* do nosso modernismo. Ele mostra, mais uma vez, o **irreprimível poder dos fantasmas cuja função é sempre transcender a consciência do nada e a da morte.** [Grifo nosso].

## 5.9 OUTRAS OBSERVAÇÕES

**Tabela 12 – Menção de ser resultado de pesquisa (em percentual)**

Titulos	Sim	Não
Com. Esp. Púb. (n=6)	17	83
Com. & Soc. (n=3)	33	67
Contracampo (n=4)	0	100
EPTIC (n=4)	0	100
FAMECOS (n=11)	18	82
Fronteiras (n=9)	44	56
Galáxia (n=4)	25	75
RBCC (n=4)	0	100
Significação (n=8)	12,5	87,5
<b>Total (n=53)</b>	<b>19</b>	<b>81</b>

Em relação à explicitação dos autores do artigo sobre o conteúdo ser ou não resultado de pesquisa, ou parte de pesquisa em andamento, observou-se que 81% dos artigos não apresentaram esta informação no resumo, no corpo do texto ou em notas de rodapé. Na revista Comunicação e Espaço Público, apenas 17% dos artigos mencionavam ser resultado de pesquisa. Na revista Comunicação & Sociedade, 33% dos artigos mencionavam ser resultado de pesquisa. Na Revista FAMECOS, este percentual foi de 18% dos artigos. Na Revista Fronteiras, o percentual foi de 44%. Na revista Galáxia, 25%, e na revista Significação, 12,5%. Nas revistas Contracampo, EPTIC Online e RBCC, nenhum dos artigos mencionava ser resultado de pesquisa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu observar algumas características predominantes em relação à estrutura dos artigos publicados nas revistas de Comunicação. Em relação ao título, a maioria deles se mostrou representativo em relação ao conteúdo do artigo, porém, não de maneira completa, já que boa parte dos títulos não contemplava alguns aspectos importantes do tema tratado, como o contexto do tema e as obras utilizadas como objeto de estudo. Essas informações no título podem ser de interesse do leitor e ajudam a dar uma idéia mais precisa sobre o tema do artigo. Também utilizam palavras no título que dão espaço a várias interpretações de sentido.

Com respeito ao resumo, observou-se uma preferência por resumos informativos. De modo geral, a maioria dos resumos permite a compreensão global do artigo sem apresentar maiores detalhes sobre elementos como metodologia e principais resultados.

Constatou-se que a maior parte dos artigos apresenta o assunto na introdução sob aspectos como importância, contexto histórico e delimitação dentro da área e ainda apresentam conceitos necessários à compreensão do tema. Mais da metade dos artigos apresenta a questão do artigo, sob forma de objetivo, problema ou hipótese.

Em relação ao desenvolvimento do texto, a maioria dos artigos apresenta o referencial teórico que embasou o artigo citando conceitos e afirmações propostas por outros autores que produziram estudos relacionados ao tema tratado pelo artigo.

Observou-se, em relação à metodologia, que a grande parte da amostra não apresenta a metodologia utilizada no estudo de forma a propiciar a reprodução da pesquisa, talvez pela preferência observada na área pelas discussões teóricas a respeito do tema escolhido, em detrimento da pesquisa empírica, baseada na coleta de dados e análise. Os objetos de estudo são, em maior parte, obras literárias e cinematográficas, fotografias, jogos eletrônicos e textos jornalísticos.

A maior parte dos artigos apresentam respostas às questões propostas no início do trabalho, após uma revisão de literatura que privilegia os aspectos históricos e outros estudos teóricos a respeito do tema. As ilustrações apresentadas geralmente são quadros com esquemas de representação teórica e listas comparativas de palavras.

As conclusões ou considerações finais são geralmente embasadas coerentemente no texto do artigo, sem muita preocupação com o estabelecimento de relações dos resultados com as teorias já existentes sobre o tema. Os autores também não costumam apresentar sugestões de outros estudos que poderiam complementar o que foi apresentado no artigo.

Os artigos, em sua maioria, apresentam bibliografia, onde se observa a presença de obras de temas sempre correlatos. Nenhum dos artigos apresentou informações em apêndices ou anexos. Boa parte dos autores utiliza notas explicativas para elucidar conceitos, contextos históricos ou fazer citações bibliográficas.

Os artigos também apresentam, majoritariamente, linguagem clara, objetiva e coerente. Também de forma predominante, os autores não mencionam em parte alguma do artigo (resumo, corpo ou notas de rodapé) se o artigo constitui resultado parcial ou final de pesquisa.

Considera-se que a estrutura dos artigos científicos da área de Comunicação analisados, é, na maior parte dos elementos observados, correspondente à estrutura tradicional de artigo de periódico, conforme recomendações de obras de metodologia do trabalho científico. As exceções encontram-se:

- a) na apresentação do objetivo, problema ou hipótese do artigo: os autores nem sempre deixam claro qual a questão a ser elucidada ou qual a proposta do artigo, iniciando o texto pelo resgate histórico do tema onde a questão estaria inserida;
- b) na apresentação da metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo: os autores nem sempre apresentam informações suficientes sobre a metodologia utilizada de forma a permitir a reprodução e avaliação da pesquisa;
- c) na apresentação e análise dos resultados: os autores nem sempre apresentam os resultados do estudo (e conseqüentemente não fazem suas análises) em decorrência da própria ausência de objetivos, problemas, hipóteses ou questões do artigo, apresentando em seu lugar considerações a respeito de um tema, tendo como embasamento informações e afirmações de autores de obras sobre assuntos relacionados.

A diferença da estrutura dos artigos científicos em Comunicação em comparação à estrutura tradicional de artigos científicos pode parecer pequena em relação ao número de aspectos observados. Porém, estes poucos aspectos não coincidentes das estruturas tem um impacto considerável quando da comparação qualitativa destas, já que os elementos Objetivo, Metodologia e Resultados têm grande relevância na estrutura tradicional de artigo científico, conforme as indicações metodológicas.

Através do estudo realizado pôde-se observar um padrão de estrutura já estabelecido nos artigos da área de Comunicação. Mesmo não sendo esta estrutura idêntica aos artigos científicos de outras áreas, pode ser a que melhor atende às necessidades da área para a comunicação científica. Como ocorre em outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, cada uma com objetos de estudo e perspectivas muito próprias, nem sempre as indicações metodológicas de áreas como as Ciências Exatas e Biológicas podem ser literalmente aplicadas de forma satisfatória para a realização de pesquisas. As áreas das Ciências Humanas e Sociais tendem a adaptar estas indicações, ou mesmo construir suas próprias metodologias, já que atuam em um campo tão complexo como as relações sociais.

Sugere-se que este estudo seja ampliado, de forma a contemplar outros títulos de revistas e com outras classificações Qualis, bem como de outros anos de publicação, pois assim, se poderá confirmar os dados aqui alcançados ou encontrar novos resultados.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação**. Artigo em publicação periódica científica impressa. Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003a. 5 p.

\_\_\_\_\_. **Resumos**: procedimento. [Rio de Janeiro]: ABNT, 2003b. 2p.

ASTI VERA, A. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Porto Alegre: Globo, 1973.

BIOJONE, M. R. **Os Periódicos Científicos na Comunicação da Ciência**. São Paulo: Educ: Fapesp, 2003.

BRAGA, J. L. Os estudos de interface com espaço de construção do campo da comunicação. In: **Contracampo**: revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação. Niterói, Vol. 10/11 (1. e 2. sem. 2004), p. 219-236.

CAPPARELLI, S.; STUMPF, I. R. C.; SILVEIRA, S. M. da; RODRIGUES, C; da L. Pós-graduação em comunicação no Brasil: um campo em movimento. In: **Políticas Regionais de Comunicação**: os desafios do Mercosul. Londrina: Intercom, 1997. P. 267-284.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **QUALIS**: classificação de periódicos, anais, jornais e revistas (versão 1.0) [documento on-line]. Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 ago. 2006.

CÔRTEZ, P. L. Considerações Sobre a Evolução da Ciência e da Comunicação Científica. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. (Org.). **Comunicação & Produção Científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. P. 33-55.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

DEMO, P. **Pesquisa e Construção de Conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. (Biblioteca Tempo Universitário, 96).

DENCKER, A. de F. M.; DA VIA, S. C. **Pesquisa Empírica em Ciências Humanas** (com ênfase em comunicação). São Paulo: Futura, 2001.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 4.ed. São Paulo: Saraiva, c2003.

FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. das G. **Preparação de Revistas Científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005.



FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. de; BORGES, S. M.; MAGALHÃES, M. H. de A. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-científicas**. 7. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

GÓMEZ DE LA TORRE, A. E. M. **Teorias da Comunicação na América Latina: enfoques, encontros e apropriações da obra de Véron**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUGHTON, B. **Scientific Periodicals: their historical development, characteristics and control**. London: Clive Bingley, 1975.

KRZYZANOWSKI, R. F.; FERREIRA, M. C. G.; MEDEIROS, R. Instrumental aos autores para preparação de trabalhos científicos. In: **Preparação de Revistas Científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. P. 55-72.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LOPES, M. I. V. Sobre o Estatuto Disciplinar do Campo da Comunicação. In: \_\_\_\_\_. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. P. 277-293.

MALTRÁS BARBA, B. **Los Indicadores Bibliométricos: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia**. Madrid: Trea, 2003.

MARTINS, R. M.; CAMPOS, V. C. **Guia Prático para Pesquisa Científica**. 2.ed. rev. ampl. Rondonópolis: Unir, 2000.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação Científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MELO, J. M. **Teoria da Comunicação: paradigmas Latino-americanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MUELLER, S. P. M. O Periódico Científico. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. P. 73-95.

NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de Literatura. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. P. 191-198.

POLISTCHUK, L.; TRINTA, A. R. **Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da Comunicação Social**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RÜDIGER, F. **Introdução à Teoria da Comunicação: problemas, correntes e autores**. 2. ed. São Paulo: Edicom, 2003.

SARMENTO E SOUZA, M. F.; VIDOTTI, S. A. B. G.; FORESTI, M. C. P. P. Critérios de Qualidade em Artigos e Periódicos Científicos: da mídia impressa à eletrônica. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2004.

SOUZA, D. H. F. de. **Publicações Periódicas**: processos técnicos, circulação e disseminação seletiva da informação. Belém: Universidade Federal do Pará, 1992.

STUMPF, I. R. C. Avaliação das revistas de Comunicação pela comunidade acadêmica da área. In: **Em Questão**: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, v. 9, n.1 (jan./jun. 2003), p. 25-38.

\_\_\_\_\_. Avaliação de Originais nas Revistas Científicas: uma trajetória em busca do acerto. In: FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. G. (org.). **Preparação de Revistas Científicas**: teoria e Prática. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. P. 103-121.

\_\_\_\_\_. **Catálogo de Revistas Acadêmicas em Comunicação** [documento on-line]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/infotec>>. Acesso em: 29 out. 2006.

\_\_\_\_\_. **Periódicos científicos**. Porto Alegre: Abebd, 1998a. 13 f. (Documentos ABEBD ; 8).

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre as revistas brasileiras. In: **Intexto**: revista do Mestrado da Comunicação UFRGS, n. 3 (1998b), [não paginado]. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/v1n3/a-v1n3a3.html>>. Acesso em: 15 ago. 2006.

\_\_\_\_\_. **Revistas Universitárias**: projetos inacabados. 1994. 302 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)-Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 1994.

STUMPF, I. R. C.; MACHADO, D. R. **Perfil das Revistas Brasileiras em Comunicação** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: [S.n.], 2006. 1 arquivo .ppt.

STUMPF, I. R. C.; MESQUITA, R. M. A. Estudo de citações de documentos eletrônicos on-line em revistas da área de comunicação. In: **Em Questão**: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, v. 10, n.2 (jul./dez. 2004), p. 261-274.

STUMPF, I. R. C.; RIBEIRO, A. F. **Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil**: análise das temáticas no período de 1992 a 2002 [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Núcleo de Pesquisa em Informação, Tecnologias e Práticas Sociais, 2006. 1 arquivo .ppt.

STUMPF, I. R. C. VANZ, S. A. de S.; BRAMBILLA, S. D. S.; RIBEIRO, A. F. Mapeamento das Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil (1992-2002): tendências temáticas [recurso eletrônico]. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (29.: 2006: Brasília). Anais: estado e comunicação. Brasília, DF: Intercom: Universidade de Brasília, 2006. 1 CD-ROM.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA. Biblioteca Central. **Normas para Apresentação de Trabalhos**. 6. ed. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

WEITZEL, S. R. *E-prints*: modelo da comunicação científica em transição. In: FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. G. (Org.). **Preparação de Revistas Científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. P. 161-193.

\_\_\_\_\_. Fluxo de Informação Científica. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. (Org.). **Comunicação & Produção Científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. P. 81-114.

ZIMAN, J. O Trabalho Científico Individual. In: \_\_\_\_\_. **Conhecimento Público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. P. 91-114.

## APENDICE A – Artigos Selecionados para a Pesquisa

Almeida, Maria da Conceição de. A ciência como bifurcação: uma homenagem a Ilya Prigogine. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 23 (jan. 2004), p. 77-84.

Antoun, Henrique. O poder da comunicação e o jogo das parcerias na cibercultura. In: **Revista Fronteiras : estudos midiáticos**. São Leopoldo, vol. 6, n. 2 (jul./dez. 2004), p. 67-86.

Araújo, Denize Correa. Referentes clonados ou corpos ambigualmente habitados. **Significação: Revista Brasileira de Semiótica**. São Paulo, n. 22 (dez. 2004), p. 149-164.

Baltar, Mariana. Autoridades eletivas: o lugar do documentário em meio ao universo audiovisual. In: **Revista Fronteiras : estudos midiáticos**. São Leopoldo, vol. 6, n. 1 (jan./jun. 2004), p. 149-167.

Barbosa, Marialva. Os gestos do público e a construção do modelo narrativo cerimonial da televisão brasileira. In: **Comunicação & sociedade**. São Paulo, vol. 25, n. 41 (1 sem. 2004), p. 73-95: il.

Beltrán, Luis Ramiro. A luta pela democracia na comunicação latino-americana: memória mínima de um ex-combatente dos conturbados anos 70. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, vol. 27, n.1 (jan./jun. 2004), p. 41-57.

Borges, Gabriela. A poética televisual de Samuel Beckett. In: **Galáxia : revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**. São Paulo, n. 8 (out. 2004), p. 149-160.

Braga, Jose Luiz. Os estudos de interface com espaço de construção do campo da comunicação. In: **Contracampo : revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação**. Niterói, vol. 10/11 (1. e 2. sem. 2004), p. 219-236.

Braga, Ruy. O trabalho na trama das redes: para uma crítica do capitalismo cognitivo. In: **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 6, n. 3, (sep. /dec. 2004), p. 48-54. Disponível em: <<http://www.eptic.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2006.

Brittos, Valério Cruz. Miguel, João. Comunicação e mercado: a lógica televisiva moçambicana. In: **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 6, n. 3, (sep. /dec. 2004), p. 06-16. Disponível em: <<http://www.eptic.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2006.

Caiafa, Janice. Comunicação da diferença. In: **Revista Fronteiras : estudos midiáticos**. São Leopoldo, vol. 6, n. 2 (jul./dez. 2004), p. 47-56.

Caldas, Maria das Graças Graças Conde. Jornalistas e cientistas : a construção coletiva do conhecimento. In: **Comunicação & sociedade**. São Paulo, vol. 25, n.41 (1 sem. 2004), p. 39-53: il.  
Costa, Jorge Campos da. Textos e contextos (na interface semântica/pragmática). In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 23 (abr. 2004), p. 85-96.

Douglas, Mary. Modelo corpo/casa do mundo: o microcosmo como representação coletiva. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 25 (dez. 2004), p. 138-152.

Durand, Gilbert. O Retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 23 (abr. 2004), p. 7-22.

Fausto Neto, Antonio. A religião teleterapeutizante: discursividades dos templos midiáticos. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo, vol. 6, n. 2 (jul./dez. 2004), p. 25-46.

Fischer, Sandra. Cría Cuervos e Todo Sobre Mi Madre: família, cinema e subversão. In: **Significação**. São Paulo, n.21 (jun. 2004), p. 43-61.

Fontenelle, Isleide Arruda. Mídia, acesso e mercado da experiência. In: **Contracampo: revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação**. Niterói, vol. 10/11 (1. e 2. sem. 2004), p. 185-200.

Fraga, Tania. Cibercenários: Hekuras, Karuanas et Kurupiras. In: **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**. São Paulo, n. 7 (abr. 2004), p. 111-122: il.

Franco, Simone. Intertextualidade iconográfica **Significação**: Revista Brasileira de Semiótica. São Paulo, n. 21 (jun. 2004), p. 207-220.

Hanke, Michael. Signos, comunicação e mundo da vida: a abordagem sócio-fenomenológica da semiótica de Alfred Schütz. In: **Significação**. São Paulo, n. 22 (dez. 2004), p. 79-97.

Henn, Ronaldo. Apontamentos intersemióticos sobre a Folha da Manhã. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo, vol. 6, n. 1 (jan./jun. 2004), p. 47-60.

Kilpp, Suzana. O confessionário reality de Big Brother Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, vol. 27, n. 2 (jul./dez. 2004), p. 11-29.

Knobbe, Margarida Maria. A palavra da pele. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 25 (dez. 2004), p. 127-137.

Krüger, Fernando Luiz. Cruz, Dulce Márcia. O Fascínio da simulação da vida: por que as crianças jogam (e gostam) do game The Sims. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 23 (abr. 2004), p. 59-69.

Kunsch, Waldemar Luiz. Da comunicação não-hegemônica ao coração das indústrias mediáticas: um programa de pós-graduação espelhado nas páginas de sua revista. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, vol. 27, n. 2 (jul./dez. 2004), p. 53-71.

Lemos, André. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. In: **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**. São Paulo, n. 8 (out. 2004), p. 129-148.

Lins, Consuelo. Um passaporte húngaro, de Sandra Kogut: cinema político e intimidade. In: **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**. São Paulo, n. 7 (abr. 2004), p. 75-84: il.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, vol. 27, n. 1 (jan./jun. 2004), p. 13-39.

Maciel, Mario. Venturelli, Suzette. Gamearte: uma poética de interação. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 23 (abr. 2004), p. 51-58.

Melo, Jose Marques de. Memória em movimento: a participação brasileira na comunidade mundial das ciências da comunicação. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 25 (dez. 2004), p. 106-110.

Melo, Paula Reis. O boné do MST na cabeça presidencial: uma leitura semiótica. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo, vol. 6, n. 2 (jul./dez. 2004), p. 87-100.

Moraes, Francilaine Munhoz de. Discurso jornalístico on line. In: **Comunicação e Espaço Público**. Brasília, vol. 7, n. 1/2 (2004), p. 104-115.

Morigi, Valdir Jose. Rosa, Rosane. Cidadania midiaticizada, cidadão planetário. In: **Comunicação e Espaço Público**. Brasília, vol. 7, n. 1/2 (2004), p. 81-93.

Natansohn, Graciela. Comunicação & Saúde: interfaces e diálogos possíveis. In: **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 6, n. 2, (mayo/ago. 2004), p. 38-52. Disponível em: <<http://www.eptic.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2006.

Oliveira, Ubiratan Paiva de. O cinema e outras artes de Harold Pinter. In: **Contracampo: revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação**. Niterói, vol. 10/11 (1. e 2. sem. 2004), p. 57-72.

Palacio, Manuel. Ibañez, Juan Carlos. "Os Esquecidos", de Luis Buñel: o exílio republicano espanhol e a revitalização do cinema social em Latinoamérica. In: **Significação**. São Paulo, n. 22 (dez. 2004), p. 131-147.

Paulino, Roseli A. Fígaro. Crítica à ação comunicativa e à razão comunicativa: para entender a comunicação no mundo do trabalho. In: **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 6, n. 2, (mayo/ago. 2004), p. 54-64. Disponível em: <<http://www.eptic.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2006.

Pavarino, Rosana Nantes. Teoria das representações sociais: pertinência para as pesquisas em comunicação de massa. In: **Comunicação e Espaço Público**. Brasília, vol. 7, n. 1/2 (2004), p. 128-141.

Pena, Felipe. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo, vol. 6, n. 1 (jan./jun. 2004), p. 79-89.

Pereira Junior, Alfredo Eurico Vizeu. A construção social da realidade e os operadores jornalísticos. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 25 (dez. 2004), p. 111-118.

Prysthon, Angela. Diferença, pop e transformações cosmopolitas no Recife a partir do Movimento Mange. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo, vol. 6, n. 1 (jan./jun. 2004), p. 33-46.

Pucci Júnior, Renato Luiz. A Representação do índio brasileiro na interface pós-moderna de cinema e tv. In: **Significação**. São Paulo, n. 22 (dez. 2004), p. 117-129.

Ribeiro, Lavina Madeira. Comunicação e comunidade: teoria e método. In: **Comunicação e Espaço Público**. Brasília, vol. 7, n. 1/2 (2004), p. 71-80.

Rosário, Nísia Martins do. Corpos televisivos: domínios culturais e estatégiasestratégias midiáticas. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo, vol. 6, n. 1 (jan./jun. 2004), p. 115-131.

Rüdiger, Francisco Ricardo de Macedo. Presidência-máquina e presidência espectral: esfera pública e jogo de cena na política do espetáculo. In: **Comunicação & sociedade**. São Paulo, vol. 26, n. 42 (2. semestre 2004), p. 29-64.

Santos, Hermilio. Cidadania interativa, comunidade e sociedade: uma análise com prelúdio e três atos. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 23 (abr. 2004), p. 128-139.

Schneider, Greice. Picado, José Benjamim. A construção de mundos em fotografias de representações: supressão e ambigüidade em Robert Doisneau. In: **Significação**. São Paulo, n. 22 (dez. 2004), p. 59-77: il.

Sibilia, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. In: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 25 (dez. 2004), p. 68-84.

Sodré, Muniz. Paiva, Raquel. O tribunal televisivo. In: **Significação**. São Paulo, n. 21 (jun. 2004), p. 107-119.

Souza, Maria Carmem Jacob de. Mediações na recepção: qual seria mesmo a importância da análise do lugar dos realizadores?. In: **Contracampo: revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação**. Niterói, vol. 10/11 (1. e 2. sem. 2004), p. 111-122.

Teixeira, Tattiana. A crônica e os gêneros opinativos: um estudo comparativo. In: **Comunicação e Espaço Público**. Brasília, vol. 7, n. 1/2 (2004), p. 116-127: il.

Tudor, Andrew. Heise, Tatiana Signorelli. Perspectivas para a tv digital no Brasil. In: **Comunicação e Espaço Público**. Brasília, vol. 7, n. 1/2 (2004), p. 94-103.

## APENDICE B – Formulário de Coleta de Dados

Revista:

Vol.

Nº.

Ano

Título:

Autor:

Páginas:

### 1 Título

O título é representativo em relação ao artigo?

Sim	Não
-----	-----

### 2 Resumo

Aborda objetivamente seus principais elementos de forma a propiciar a compreensão global do tema?

Sim	Não
-----	-----

### 3 Introdução

3.1 Apresenta o assunto (natureza, contexto, importância)?

Sim	Não
-----	-----

3.2 Apresenta objetivo(s), problema(s) ou hipótese(s)?

Sim	Não
-----	-----

3.3 Apresenta o referencial teórico/autores que embasou/embasaram o estudo?

Sim	Não
-----	-----

3.4 Apresenta outros estudos relacionados ao assunto?

Sim	Não
-----	-----

#### 4 Métodos

Apresenta a metodologia (procedimentos, técnicas) de forma a propiciar a reprodução da pesquisa?

Sim	Não
-----	-----

#### 5 Resultados

5.1 Apresenta os resultados?

Sim	Não
-----	-----

5.2 Avalia/analisa os resultados?

Sim	Não
-----	-----



5.3 Relaciona os resultados com outros estudos?

Sim	Não
-----	-----

5.4 Apresenta tabelas, gráficos ou outras ilustrações?

Sim	Não
-----	-----

## 6 Discussão/Conclusões

6.1 Faz conclusões/deduções fundamentadas no texto?

Sim	Não
-----	-----

6.2 Estabelece relações com teorias de modo a corroborar, modificar ou refutá-las?

Sim	Não
-----	-----

6.3 Sugere/recomenda outros estudos?

Sim	Não
-----	-----

**7 Elementos pós-textuais**

7.1 Apresenta bibliografia/referências?

Sim	Não
-----	-----

7.2 Apresenta apêndices ou anexos?

Sim	Não
-----	-----

7.3 Apresenta notas explicativas?

Sim	Não
-----	-----

**8 Observações**

8.1 Quanto ao estilo (linguagem clara, objetiva e coerente).

--

8.2 Outras observações

--